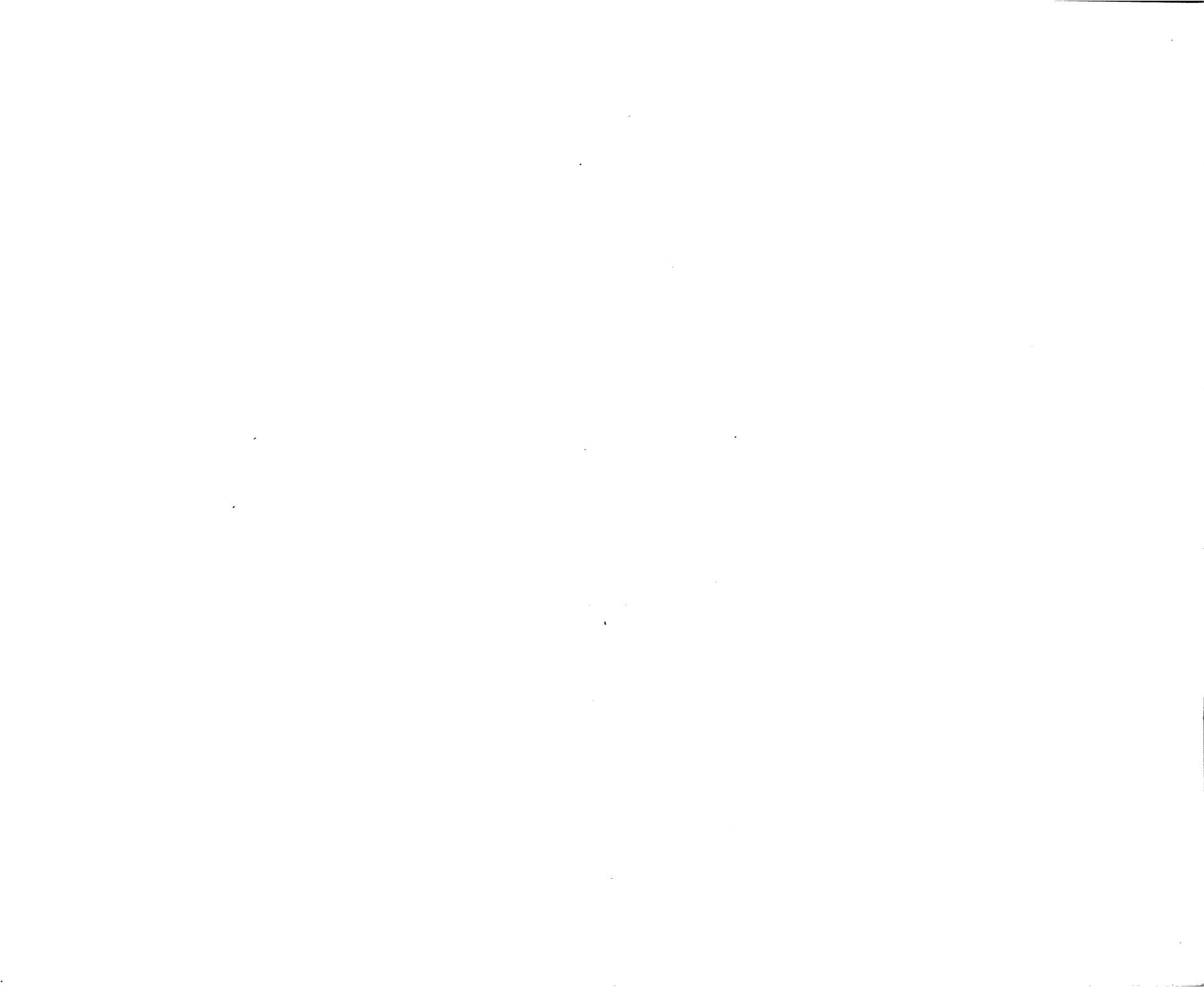


WILLIAMSON COLLEGE  
A. FERMIANDES. BOCCAMERVA JR I I

A. FERNANDES E S. BOCCANERA JR

O GRITO DA CONSCIENCIA



(2.<sup>a</sup> Edição — Popular)

# O GRITO DA CONSCIENCIA

DRAMA EM 5 ACTOS

ORIGINAL DE

ALEXANDRE FERNANDES

E

Silio Boccanera Junior

---

BAHIA  
IMPRESA ECONOMICA  
16 — Rua Nova das Princesas — 16

1898

*Academia Brasileira  
de Letras e Ciências  
Off. de  
L. de*

AO

GREMIO DRAMATICO

Carlos Gomes

O. D. C.

*Os Autores.*

# Juizo critico



## O GRITO DA CONSCIENCIA

DRAMA EM 5 ACTOS

ORIGINAL DE

Alexandre Fernandes e Silio Boccanera Junior

Escrever um bom drama — eis, a meu ver, a maior das glorias litterarias!

Fazer estremecer as fibras mais intimas do coração das multidões; trazer as platéas suspensas do pensamento que concebemos e do verbo que escrevemos; obrigar o povo a sentir... palpitar... chorar... a viver, emfim, porque no soffrimento é que está a vida, e isto ao simples gesto do artista que soube interpretar o dramaturgo — é tornar a este um semi-deus; é prender-lhe aos hombros, não as azas icarias que se derretem ao sol da critica, porém a potente envergadura do condor que se eleva aos pincares dos Andes ou a do albatrós que, ousado, se atira aos horisontes sem fim.

Tambem tive veleidade de ser dramaturgo.

Outr'ora, nos dourados arabescos de uma imaginação juvenil, nessa quadra feliz que tão depressa passa, e na qual o futuro é um livro em branco, em que a phantasia, póde pintar o que lhe apraz, tambem quiz escrever para o theatro.

Neste sentido envidei alguns esforços e cheguei a publicar alguns ensaios.

Demoveram-me do intento duas poderosissimas rasões: a falta de aptidão para escriptor dramatico e a indifferença do nosso meio pelos assumptos theatraes.

A primeira não vigora contra os antecres do —  
*Grito da Consciencia.*

Não! Porque um é Alexandre Fernandes, o mavioso poeta das *Coralinas*, e o outro é Silio Boccanera Junior, o primoroso polemista; e ambos, moços intelligentes, sentindo-se capazes de, como Promethen, roobarem ao céu o fogo sagrado da inspiração, quizeram compor uma obra prima e o conseguiram no drama que offerecem á apreciação do publico.

Da segunda, porém, muito devem receiar.

O theatro está morto entre nós.

E si elle é o thermometro pelo qual se deve auferir o gráo de adiantamento moral e litterario de um povo, o nosso está em deploravel decadencia.

Debalde o desditoso Antonio José, o poeta victima da inquisição, inaugurou a litteratura dramatica brasileira; debalde Penna, com as suas inimitaveis comedias de costumes; Alecar com suas theses philosophico-sociaes; Macedo com o seu ultra-romantismo; Agrario de Menezes com a sua escola classica; Amaral Tavares, o maior vulto do theatro nacional; e outros tentaram implantal-a entre nós.

A pobresinha não poude vingar porque achou o terreno sáfaro.

E quando os esforços herculeos de artistas nacionaes ou nossos irmãos pela lingua, iam procurando despertar o gosto pelo dramatico; quando João Caetano, Furtado Coelho, Xisto Bahia, Guilherme de Aguiar, Vasques, Joaquim Augusto e outros iam incutindo o gosto do verdadeiro bello no theatro — foi o paladar do publico pervertido pelo genero hybrido e pèco das magicas e operetas.

A influencia foi fatal, e tanto mais o foi, quanto os proprios artistas que deviam conservar puro e immaculado o culto da Arte, deixaram-se arrastar pela corrente que assoberbava, e para não morrerem de fome baniram o drama e acceitaram a *pachuchada* immoral e insulsa como a verdadeira comedia, a unica admissivel nos tempos que correm!

Ah! si é certo o scholio de que o theatro é o

thermometro por onde se pode aquilatar a moralidade de um povo....

Pobre povo!

Foi nesta epocha que Alexandre Fernandes e Silio Boccanera Junior escreveram um drama.

Mas, desculpem os meus presados amigos a rude franqueza: nem conseguirão fazel-o representar, nem ao menos conseguirão que o publico, talvez o leia.

Não o farão representar porque o publico que, de antemão, sabe não ir assistir á exhibição plastica de quadros vivos, não concorrerá ao theatro; não o farão ler, porque n'elle não se encontram phrases ambignas de um espirito indecente ou rajadas politicas contra o *outro* partido.

Ha de haver, porem, um ou outro que aprecie uma obra de verdadeiro merito; comquanto em muito diminuto numero, *apparent rari nantes in gurgite vaito.*

A estes meus parabens, porque vão apreciar um bom trabalho.

\* \* \*

Apontar as bellezas que o drama encerra; recomendar ao leitor esta ou aquella scena; chamar-lhe a attenção para tal ou tal situação; é tarefa desnecessaria porque seria fazer a leitura de todo o trabalho, e isto é justamente o que o leitor vae fazer.

Não será uma obra prima, nem mesmo o maior monumento que na litteratura dramatica se tenha erguido entre nós.

E' apenas o primeiro trabalho de dous moços que, comquanto dotados do mais pujante talento, cultivam generos diferentes no vasto campo das letras.

Ao genio, porem, nada é impossivel: Alexandre Fernandes e Silio Boccanera Junior quizeram ser dramaturgos, e eil-os que se iniciam neste novo ramo, erguendo bem alto o *Grito da Consciencia.*

Sim; a consciencia do quanto valem já os tinha feito dramaturgos, mesmo antes de receberem como taes a sagração do publico e as ovações das platéas.

Estylo correcto e apropriado aos personagens; scenas bem desenvolvidas e concatenadas; caracteres

bem delineados; situações bem preparadas sem o recurso de *ficelles*; actos bem concluidos; assumpto moralizador; enredo bem planejado e habilmente produzido — são bellezas que prendem a attenção do leitor ou do espectador, captivam-lhe o espirito, commovem-lhe o coração até o desenlace final.

Limitar-me-ei a indicar os claros-escuros do quadro; aquillo que para algum espirito prevenido ou para algum zoilo invejoso possa parecer defeito; mas que a meu ver não é mais do que a jaça de um bom diamante.

Não admira, quando no proprio sol os astrónomos dizem que ha manchas; as do drama, porém, em vez de máculas, talvez sejam fúculas.

\* \* \*

Dirão provavelmente que a acção precipita-se muito no 1.º acto. Devem attender, porém, a que um drama quasi nunca deve exceder á craveira convencional dos cinco actos; além disto o primeiro acto é pelo assumpto mais um prologo preparatorio do que um acto integrante.

Era preciso que toda a acção preliminar se esgotasse nelle para encetar-se nos subsequentes do drama propriamente dito. A meu ver, meus illustrados amigos deveriam dividir seu trabalho em 4 actos e um prologo, e aos que taxassem este de precipitado, diriam elles e diriam muito bem: « Não ha precipitação alguma, isto é um prologo. »

Outra censura que podem fazer, é o pouco desenvolvimento dado á parte de *Lucia*, que devendo ser a protagonista da peça, assume depois do 1.º acto um character secundario. Esta parece-me mais bem cabida; comquanto os auctores possam apresentar exemplos de bons dramas em que personagens, que logicamente são ou devem ser os heróes da peça, morrem no 1.º acto: na propria *Fédora*, de Sardon, vemos isto.

Não nos parecem superfluos os typos do bom vigario e do jocoso sacristão, como a alguém pode parecer.

A unidade de acção já não existe no theatro; e quando ainda existisse, habeis pennas tem-na sacrificado com geral applauso.

No drama *Gonzaga*, sempre bem acceito do publico, o genial Castro Alves desenvolve tres acções simultaneamente: os amores entre *Dirceu* e *Marília*, a emancipação da colonia brasileira e a libertação da raça escrava. Ahi temos um triplo drama: um romantico, outro historico e outro de propaganda.

O dialogo entre o virtuoso vigario e o cynico barão, ainda que desnecessario ao andamento da acção principal, serve para desmascarar o character perverso de *Montebello*, que além de tudo é atheista. Nos que são acceitos como mestre — em *Agrario* de Menezes, vemos eguaes superfluidades; nos *Miseraveis*, por sem duvida o seu padrão de gloria, vemos tambem um padre desnecessario, o *padre Satyro*, que apenas apparece em um acto para chamar o odioso contra os sacerdotes que enlameam suas vestes nos lodaças da politica. Neste mesmo drama quantos dialogos inuteis entre o *barão de Praxedes* e o dr. *Gonzaga*!

Quantas alluções á politica?!

Si ha, pois, pequenos defeitos no drama, são poucos e bem desculpaveis; e não inibem que seus autores recebam as esporas douradas de cavalheiros, uos torneios gloriosos da litteratura dramatica.

Bahia, 2 de Dezembro de 1894. — Dr. Antonio Pedro da Silva Castro.



# OPINIÃO DA IMPRENSA

SOBRE A 1.<sup>a</sup> EDIÇÃO DO DRAMA

O GRITO DA CONSCIENCIA

Podemos dizer que, para a historia litteraria da Bahia no anno de 1895, será um motivo de ufania o apparecimento de uma producção dramatica, numa terra onde, se a litteratura ja é um verdadeiro paria, esquecida, o theatro vive sob um despreso criminoso e lastimavel.

Graças aos nossos talentosos collegas Alexandre Fernandes e Silio Boccanera Junior, podemos assignalar a publicação do drama *O Grito da Consciencia*, feito para ser representado em beneficio do monumento, projectado pelo *Gremio Evolução*, do grande poeta bahiano e festejado litterato brasileiro, Castro Alves.

Sobre esta obra já demos a nossa despretenciosa opinião, quando tivemos occasião de ouvir a sua leitura.

E melhor do que nós diz d'ella a opinião valiosa e autorisada do illustrado Dr. Antonio da Silva Castro, cujo juizo critico termina pelas seguintes palavras:

« Si ha, pois, pequenos defeitos no drama, são poucos e bem desculpaveis; e não inibem que seus autores recebam as esporas douradas de cavalheiros, nos torneios gloriosos da litteratura dramatica.»

Se não fora já o talento reconhecido dos dignos estréantes, só este criterioso conceito leval-os-ia, animados e altivos, á presença da critica e do publico.

Dando-lhes parabens, agradecemos aos estudiosos collegas Alexandre Fernandes e Silio Boccanera Junior o exemplar d'*O Grito da Consciencia*, que nos offereceram.

(Do *Correio de Noticias* de 9 de Fevereiro de 1895).

## O GRITO DA CONSCIENCIA

Acaba de sahir das officinas do *Diario da Bahia*, impresso nitidamente em excellente papel, em 8.º francez, o drama dos nossos collegas srs. engenheiro Silio Boccanera e Alexandre Fernandes, intitulado o *Grito da Consciencia*.

Pouco temos a acrescentar á noticia que já demos dessa obra, que vem enriquecer a nossa litteratura, por occasião de ser ella lida, no meio de selecto e competente auditorio, no salão nobre do theatro de S. João.

O *Grito da Consciencia* está, pois, conhecido, e se seus authores não tivessem ainda provado o seu gosto litterario, bastaria, para criarem nome, apresentarem-se com o livro que escreveram e que tantos elgios arracon de toda a imprensa local.

Foram muito felizes no seu ensaio os dons moços que estudam e trabalham para que a velha Athenas Brasileira ainda mostre no presente as perolas de que ornon-se no passado e lhe grangearam aquelle honroso cognome pela magestade do talento de seus filhos, que foram duas vezes grandes: nas letras e no valor.

O drama é ainda feliz no titulo, não só porque a sua conclusão o justifica assaz, como tambem pelo fim a que é destinado o seu producto: auxiliar a erecção do monumento a Castro Alves.

Sim, é dever de *consciencia* de uma nacionalidade, o engrandecimento de seus vultos historicos, a perpetuidade dos nomes ou dos homens que por qualquer modo levantaram-na, collaborando na obra de sua reconstrucção, ou, pelo menos, na guarda de suas tradições gloriosas.

O poeta dos escravos, o genial Castro Alves, está em ambos os casos.

O *Grito da Consciencia* não apparece isento de pequenos defeitos, que podem aliás desaparecer n'uma segunda edição, sem prejudicar a sua contextura, a acção dramatica; mas a par de diminutos senões, ha dialogos muito bem concebidos, scenas commoventes,

situações bonitas e bellezas que resaltam a mais simples leitura. Deve ser de grande effeito em scena esse drama, que bem merece fazer parte da bibliotheca dos que lêem; e é pena que venha á luz n'uma epocha em que, se a politica não absorve todos os espiritos, os traz em geral tristemente impressionados pela má orientação que ella tem entre nós e que está retardando o progresso moral e material da Bahia.

Abraçando e dando parabens aos nossos dons collegas de imprensa, agradecemos-lhes o exemplar que nos offereceram de seu primoroso trabalho.

(Da *Gazeta de Noticias* de 12 de Fevereiro de 1895).

## O GRITO DA CONSCIENCIA

Nitidamente impresso em 8.º francez, foi-nos offerecido um exemplar do drama que tem o titulo acima, producção dos nossos talentosos collegas de imprensa engenheiro Silio Boccanera e Alexandre Fernandes.

Nestes tempos de um prosaismo implacavel, em que o realismo e o naturalismo em litteratura impõem-se tyrannicamente ás proprias naturezas mysticas, em que a urgencia da luta pela vida dá completo ganho de causa os socialistas marxistas orthodoxos, que *encerram toda a vida social na concha do processo economico*, o apparecimento de uma obra filiada á litteratura romantica tem o dulcissimo sabor de exquesitas preciosidades, desde que ha sinceridade artistica no modo de exprimir o pensamento, como succede n' *O Grito da Consciencia*.

Que ha sinceridade artistica no drama em questão, basta para proval-o a merecida reputação litteraria que aureóla os nomes de seus autores.

Os senões que notamos em algumas scenas não diminuem de modo algum o valor do conjuncto, que deve prodnzir magnifico effeito, quando representado.

E, se attendermos ao diminuto, insignificante praso em que foi escripto o drama, devido tal esforço ao desejo de concorrerem seus autores para o paga-

mento do tributo de admiração a um dos nossos maiores poetas, perfeitamente excusados ficarão nossos distinctos collegas por taes defeitos.

Em 22 horas se pode escrever um romance, um conto, uma lenda; um perfeito drama em 5 actos, não.

Em 72 horas, por aposta, escrevem Dumas pai o *Cavalheiro da Casa Vermelha*, em 1846; porém o grande escriptor escrevem um romance, não obstante ser historico, e não um drama, que é genero muito difficil de litteratura.

Ao nosso ver os nossos collegas estão, pois, justificados.

Além de tudo lutaram ainda com a difficuldade de vestir de novo um velho thema, de modo a attrahir a attenção, o que conseguiram brillantemente; é mais um realce ao merito litterario do fino polemista Boccanera e do primoroso autor das *Coralinas*.

Acceitem os nossos collegas o nosso cordial aperto de mão e o nosso parabem sincero.

Agradecidos pela dedicatoria em que estamos comprehendidos e pelo exemplar que nos enviaram. (Do *Diario de Noticias* de 13 de Fevereiro de 1895).

### O GRITO DA CONSCIENCIA

Recebemos um exemplar que nos foi cavalheiramente offerecido pelos anthores do drama cujo titulo encima estas linhas.

Alexandre Fernandes e Silio Boccanera estreiam na litteratura dramatica com esta peça que, se não é uma obra prima, é inegavelmente uma auspiciosa estréa.

Não é nossa intenção fazermos das columnas de nossa humilde revista a acta das sessões da companhia do *elogio mutuo*; somos amigos dos dois litteratos anthores do drama, mas não lhes daremos mais do que merecem; o seu drama, que não escapa aos defeitos dos que começam, tem no entanto bellezas dignas dos projectos na arte; estas bellezas são taes que sobrepujam os pequenos senões que se possam encontrar n'este ou n'aquelle acto, n'esta ou n'aquella scena.

Talvez, quando tivermos mais tempo e espaço, apontemos estes defeitos e façamos sobressahir estes bons lances artisticos, n'um juizo critico sincero e despretençioso.

N'esta ligeira noticia apenas externamos o nosso modo de pensar sobre o producto das locubrações litterarias dos dois jovens amigos, aos quaes agradecemos a fineza da offerta, damos os parabens e pedimos que continuem na afanosa lide de levantar em nosso meio litterario o gosto pela litteratura dramatica.

(Da *Renascença* de 14 de Fevereiro de 1895).

### O GRITO DA CONSCIENCIA

E' assim que se intitula um novo drama, escripto por Silio Boccanera e Alexandre Fernandes, e que acaba de ser ricamente impresso, em 8.º francez, e encadernado nas acreditadas officinas do *Diario da Bahia*.

Sobre a sua contextura, a analyse de suas peripicias, a estimativa de sua linguagem, enfim, tudo que possa constituir um drama, foi magistralmente, recordamo-nos perfeitamente, criticado nesta revista pelo apreciado poeta Bento Murila.

Com uma selecção de ouvintes, os seus auctores apresentaram este drama manuscripto e delle fizeram uma leitura, em sessão effectuada no dia 29 de julho de 1894, em um dos salões do theatro S. João.

O movel que dictou aos distinctos collegas Alexandre Fernandes e Silio Boccanera, sabemos-o bem, é o concurso na consecução d'um monumento ao pranteado Castro Alves—idéa efflorescida no *Gremio Evolução*, e hoje fervorosamente acolhida pelo povo bahiano.

Assoberbados os espiritos de seus auctores, com este louvavel e patriotico intento, produziram uma obra que estampilha um attestado de magnitude de talento e de potencia litteraria.

Produziram um drama que, na phrase brillante do illustrado dramaturgo, Dr. Antonio da Silva Castro, que prefacia-o, «não estão inhibidos de receber

as esporas douradas de cavalheiros, nos torneos da litteratura dramatica.»

As nossas agradabilissimas impressões recrudescem cada vez mais, quando considerarmos a epocha em que vivemos de apathia para os factos litterarios, da vida de politicagem, que parece torcer todas as vocações, vir esse livro como um lenitivo que extingue esse periodo de desillusões e de aspirações lethalisadas.

Temos a alma plena de verdadeiros jubilos pela publicação d'*O Grito da Consciencia*, essencialmente moralizador, proprio de ser lido no recesso meigo do lar, pois que de suas paginas estillam-se succos vivificantes de bôa moral e sublimes ensinamentos.

Destas organizações deviam ser todos os dramas, que nos proscenios são reflexos da vida humana, outhorgando o premio á virtude e castigando severamente ao vicio.

Assim os theatros afagentariam as pornographicas *vaudevilles*, as indecorosas comedias, onde se estampa a repulsiva vida das rameiras, que mais corrompem o espirito e pervertem o coração, matando a poesia da intelligencia e dos affectos.

São estas as ponderações que nos suggere a util producção dramatica de Alexandre Fernandes, o mimoso auctor das *Coralinas*, e do apreciado polemista, engenheiro Silio Boccanera Junior, que reconhecidamente fizeram jús a uma lozente reputação litteraria e que nós, com a maior sinceridade, damos-lhes um bem apertado e sacudido aperto de mão.

(Do *Livro* de 16 de Fevereiro de 1895).

### O GRITO DA CONSCIENCIA

Este drama, ao qual a imprensa d'esta capital, unanimemente, tecer significativos elogios, por occasião de sua leitura no Theatro S. João, acaba de ser publicado pelos seus auctores, os jovens poeta e litterato Alexandre Fernandes, nosso collaborador, e engenheiro Silio Boccanera Junior.

A impressão é nitida.

*O Grito da Consciencia* é um trabalho de ensaio dramatico, e nesse character honra de tal modo aos seus autores, que os ligeiros *senões* que contém o livro desaparecem deante mesmo da critica mais severa.

E' o melhor elogio que podemos fazer aos jovens escriptores, cujas mãos apertamos por esse *tentamen* que honra o nosso movimento litterario, que bem precisa de corajosos lutadores.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.  
(Do *Pantheon* de 20 de Fevereiro de 1895).

### O GRITO DA CONSCIENCIA

Recebemos um exemplar do drama em 5 actos, *O Grito da Consciencia*, theatro de Alexandre Fernandes e Silio Boccanera Junior, distinctos collegas que muito têm contribuido para que a litteratura patria tenha seu lugar de honra na actual evolução litteraria.

Sobre o que é o drama já tivemos occasião de externar juizo franco, quando os seus dignos autores convidaram a imprensa para assistir a leitura em um dos salões do theatro S. João.

Foi escripto expressamente para ser representado em favor do monumento a Castro Alves.

Está nitidamente impresso e traz o juizo de todos os nossos collegas da imprensa e ainda mais — franca opinião do illustrado e distincto litterato Dr. Manuel Britto, então redactor d'*O Livro*, e um juizo critico pelo Dr. Antonio Pedro da Silva Castro, que sagra á producção dos nossos amigos Dr. Boccanera e Alexandre Fernandes, lugar de honra entre os litteratos bahianos.

Agradecemos a offerta.

(Do *Estado da Bahia* de 22 de Fevereiro de 1895).

### O GRITO DA CONSCIENCIA

Acaba de ser publicado o drama em 5 actos *O Grito da Consciencia*, escripto pelos nossos collegas

de imprensa srs. Alexandre Fernandes e Sílio Boccanera, e pelos mesmos destinados a ser representado nesta capital em proveito do monumento a Castro Alves.

Este drama, que merecen da imprensa desta capital o mais sympathico acolhimento após a leitura delle, feita no salão do theatro S. João, apparece agora publicado, como uma brilhante affirmação do talento de seus autores, e da sua disposição para arcar contra o indifferentismo litterario que nos esmaga e nos aniquilla.

Não tivesse o drama outros esmaltes, e esta só feição que do facto de sua apparição assignalamos, era, quanto a nós, justo titulo a sinceros louvores.

Basta considerar na esterillidade em que se consomem entre nós tantos talentos e vocações, para ver num desses productos da intelligencia um trabalho meritorio.

Accresce, entretanto, que a obra a que nos referimos tem a sua physionomia propria: é um drama com a sua verdadeira estrutura.

Os senões que se lhe podem apontar são os dos trabalhos que se iniciam, e taes que não deformam o todo, nem lhe tiram a grandeza da these, nem a belleza dos conceitos.

Não são palavras de criticos, é verdade, as que ahí deixamos escriptas. Longe de nós o pensamento de embrenharmo-nos em tão emmaranhadas silvas.

Traduzem ellas, unica e simplesmente, a impressão que nos deixou a leitura do drama.

Mas, queremos crer que uma critica sincera não distanciará de nós para achar alli uma composição theatral promissora de outras dignas de applauso e acceitação.

Melhor que nós, mais do que nós, têm dito os demais órgãos de publicidade a respeito desse drama, cujo acolhimento por parte do publico é lisongeiro para seus autores.

E' de coração, pois, que agradecemos aos srs. Boccanera Junior e Alexandre Fernandes o delicado mimo com que nos obsequiaram.

E agradecendo-lh'o com a nossa cordialidade, damos-lhes os nossos parabens pela feliz composição em que se estreíram, desejando vel-os continuar na faina litteraria, a que tão d'alma se entregam, como persistentes cultores desse genero de litteratura, que, posto que esteja condemnado á morte pela opereta, pôde contar em seus ultimos momentos com almas carinhosas e convencidas para erigir-lhe á frente da gloriosa sepultura os padrões de seus triumphos immortaes.

(Do *Diario da Bahia* de 3 de Março de 1895.)

### LIVROS E LETTRAS

Nitidamente impresso, já foi entregue á procura publica o drama *O Grito da Consciencia*, bonito trabalho do operoso litterato engenheiro Sílio Boccanera Junior e do applaudido poeta Alexandre Fernandes.

Já é conhecida a nossa opinião sobre este trabalho, que é um dos mais brilhantes ensaios que temos visto; assim, cumpre-nos apenas o dever de aconselhar aos que amam a litteratura de adquirir *O Grito da Consciencia*, drama cheio de movimento e que representado será de effeito seguro.

Aos jovens auctores agradecemos o exemplar que nos remetteram.

(Do *Jornal de Noticias* de 9 Março de 1895).



## PERSONAGENS DO DRAMA

Renato Villa Verde ou Barão Cezar de Monte- bello.....	Amador Florencio Cruz
General Roberto d'Avila Alvaro ( <i>estudante de direitos — protegido do General</i> ).....	» <i>Silva Freire</i>
Matheus.....	» <i>Octaviano Chaves</i>
Lucia ( <i>mulher de Re- nato</i> ).....	» <i>Silva Castro</i>
Helena ( <i>filha do Gene- ral</i> )... ..	» <i>D. Joanna Santos</i>
Thereza.....	» <i>D. M.<sup>a</sup> Ernestina</i>
Vigario.....	» <i>D. Maria Santos</i>
Sachristão.....	» <i>Candido Sant'Anna</i>
Juiz.....	» <i>Joaquim Castro</i>
Escrivão.....	» <i>Candido Sant'Anna</i> » <i>Joaquim Castro</i>

Um recém-nascido (*filho de Lucia*)  
Dois homens — Um creado — Convidados

—  
A acção passe-se na Bahia. Época — Actualidade

—  
Representado pela 1.<sup>a</sup> vez no Theatro S. João desta  
capital, pelo Gremio Dramatico *Carlos Gomes* — em  
a noite de... de Março de 1898.

Este drama não pôde ser reimpresso, tradusido ou representado  
sem licença dos autores.

PRIMEIRO ACTO

# O ABANDONO

## PERSONAGENS

Renato Villa Verde.....	25	annos
Lucia (sua mulher).....	20	»
Mathens.....	30	»
Thereza.....	25	»
Um recém-nascido (filho de Lucia)...		
Dois homens.....		



## CASA DE RENATO

*Sala pobre. Ao lado uma marquiza na qual Lucia se acha deitada. Ao lado de Lucia um recém-nascido. Ao fundo porta que communica com a rua. Portas lateraes que dão para o interior. Ao levantar-se o panno Thereza, sentada na marquiza, dá a beber á Lucia uma chicara de caldo.*

## SCENA I

LUCIA E THEREZA

Thereza — Tenha paciencia, minha pobre senhora... faça um esforço... veja se póde ao menos tomar dois goles deste caldo... a senhora está tão fraca..

Lucia — (*bebendo o caldo com dificuldade*) Si não fosse este innocente... este querido anginho... antes eu queria que Deus me levasse de uma vez...

Thereza — Pois é justamente por causa de seu filho que a senhora deve ter forças (*tomando a chicara*).

Lucia — Obrigada, Thereza, Deus é que te ha de pagar tanta dedicação, todo o cuidado que tens tido para comigo...

Thereza — Ora esta!... mas eu não faço mais do que o meu dever. Quando seu marido passou hontem pela minha casa e disse que a senhora estava completamente só e prestes a ter a creança, eu immediatamente corri, abandonei tudo, e vim para seu lado, porque tenho já passado por todos esses martyrios; e ai de mim, si não fosse a protecção de um amigo, de um capitão, a quem

meu pae salvou a vida numa batalha e que me tem servido de amparo neste mundo...

Lucia — É tu, por tua vez, Thereza, me tens servido de amparo.

Thereza — Não diga isso, minha senhora; eu sou apenas uma creada para os outros e para a senhora uma verdadeira amiga; só sinto partir amanhã esse bom amigo de meu pae... Ah! si elle se demorasse... talvez eu lhe pedindo, arranjasse um bom emprego para seu marido.

Lucia — Que generoso coração que tu tens!

Thereza — Não sei si o meu coração é generoso, minha senhora, o que eu sei é que já tenho soffrido muito, apesar de ser tão moça, e parece-me que só os infelizes sabem comprehender as amarguras alheias.

Lucia — Ah! meu pobre filho, para que estarás destinado?

Thereza — Para ser homem, para ser seu amigo, para tratar da senhora.

Lucia — Thereza, minha boa amiga, me sinto morrer; si eu te pedisse um favor, si eu te pedisse de joelhos...

Thereza — Minha senhora, eu sou pobre; mas o que estiver em minhas mãos, o que fôr necessario do meu trabalho, da minha amizade, creia que farei.

Lucia — Sim, eu creio, eu reconheço... mas como estou fraca, como estou abatida... e Renato que não volta... que vida, meu Deus!...

Thereza — Descanse, minha senhora, não se afflija; olhe, assim que seu marido chegar eu vou preparar mais um caldo...

Lucia — Si eu pudesse adormecer... Thereza, deixa-me vêr si descanso... (*Thereza affasta-se do leito e senta-se junto a mesa.*)

Thereza — Pobre senhora, não merecia esta

vida! Emquanto morre de fraqueza e de fome, emquanto falta-lhe o proprio leite para alimentar seu filho, o marido, esse maldito, que só tem servido para dar-lhe desgostos, gasta o dinheiro pela rua (*Renato vae entrando e detem-se para escutar Thereza*), perde até o ultimo vintem na jogatina e se esquece até de que é pae!

## SCENA II

OS MESMOS E RENATO

Renato — (*approximando-se de Thereza*) E que tem você com isto? Veiu á minha casa para cuidar de Lucia ou para pregar moral? Era só o que me faltava!...

Thereza — (*levantando-se*) Senhor, eu estou prestando aqui os meus serviços a esta infeliz senhora, pela compaixão que ella merece no estado em que está.

Renato — E quem a obrigou a vir? Si aqui está é por sua livre vontade. Eu apenas lhe contei o estado de Lucia (*a' parte*). Maldição! Sempre a mesma miseria, sempre recriminações até de uma...creada!... Que differença entre a risonha vida que eu sonhava e a desgraçada que tenho!

E quando me lembro que ha tantos miseraveis felizes, ricos, poderosos e sem familia! Quando me lembro que uma loucura de momento acorrentou-me a esta serie de provações e desgostos!... Que estúpido que fui! Hallucinado pelas primeiras impressões e ameaçado pelo pae de Lucia, que impoz-me a reparação de uma dessas faltas da mocidade, casei-me! Casei-me, eu que não tenho paciencia para os compromissos de um homem resignado para o martyrio!

(*apontando para Lucia*). Aquella mulher, apesar de pobre, attrahiu-me, e eu, como era natural, a seduzi e casei-me forçadamente da noite para o dia. *O nosso grande amor*, dizia ella, então, ha de dar-nos força e coragem para alcansarmos um futuro feliz! (*com ironia*) O nosso grande amor!... A nossa grande estupidez, a minha unica desgraça, digo eu! Ha um anno, apenas, que sou casado e todos os tormentos já tenho soffrido! Atirei-me á venda de bilhantes, que deixa-me apenas uma miseravel commissão; enquanto a outros, sem protecção nem actividade, tem dado grandes fortunas! O que faço nem chega para o *lansquinet*, quanto mais para a familia!... E que azar de todos os diabos me tem perseguido ultimamente! Não ha dinheiro que chegue! Desta vez, porém, eu vim decidido, já as providencias estão dadas; ella vae para o hospital e o filho... o filho ha de crear-se. Eu é que preciso de minha plena liberdade! E soffrer tanto aos 25 annos! (*dando forte pancada sobre a mesa*) Ah! que maldição!.. que maldição!...

Lucia — (*despertando sobresaltada*) Thereza, que foi isso?... meu marido?...

Thereza — Já está ahí, minha senhora.

Renato.—(*para Lucia*) Então como vamos, está um pouco mais forte? Olhe, é preciso ir evitando a cama. Isto de estar deitada tanto tempo é peor.

Lucia — Mas si eu nem me posso mover....

Thereza — Si ella nem tem forças para falar...

Renato — Ora vejamos sempre si póde sair da cama... (*para Thereza*) Faça-me a fineza de ajudar-me a tiral-a daqui. Vamos sen-

tal-a naquella cadeira (*tentam sentar Lucia numa cadeira.*)

Lucia — (*impossibilitada*) Qual!..... Não posso!... Que fraqueza!...

Thereza — Minha senhora, eu volto já, vou preparar um caldo...

Lucia — Sim, minha amiga, sim.... (*Thereza sae*).

### SCENA III

RENATO E LUCIA

Renato — E' muito bonito isto, é. Que não dirá a vizinhança quando souber que uma creada metteu-se por compaixão em minha casa?!...

Lucia — Oh! cala-te, que havemos de fazer? O meu estado não me permite ainda trabalhar. E tu não arranjaste nada?

Renato — Nada, nada! Além de tudo, a festa veiu atrapalhar-me os negocios... E logo hoje, dia de Natal, é que tenho de passar a fazer cruces na bocca...

Lucia — Paciencia, Renato, paciencia. Olha, vem ver nosso filho, coitadinho!

Renato — Oh! não me fale nessa creança, que veiu augmentar minha miseria e meu desespero.

Lucia — Renato!... (*batem a' porta*).

Renato — Silencio, batem á porta (*vae abrir a porta*).

### SCENA IV

OS MEMOS E MATHEUS

Matheus — (*entrando*) E' ao sr. Renato Villa... Villa...

Renato — Villa-Verde.

Matheus— Ah! é isto mesmo: Villa-Verde. E' então ao sr. Renato Villa-Verde que tenho o gosto de falar?

Renato — E' verdade, sou o proprio.

Matheus — (*reparando em Lucia*) Mas perdão... creio que venho incommodar a senhora.

Renato — De modo algum. Minha mulher está doente, é verdade; mas o seu estado, por mais perigoso que seja, não me priva de attender a qualquer pessoa em minha casa: queira sentar-se (*indicando-lhe uma cadeira junto a mesa*).

Matheus — (*após ligeiro cumprimento a Lucia*) Obrigade, senhor (*senta-se*).

Renato — (*sentando-se indolentemente numa cadeira ao lado da mesa, de modo a ficar entre Matheus e Lucia*). Queira explicar-me o motivo de sua visita, sr...

### SCENA V

OS MESMOS E THEREZA

Thereza — (*entrando com uma chicara de caldo*). Aqui está o seu caldo, minha senhora. (*senta-se na marquiza*).

Matheus — Matheus, um seu criado. O motivo de minha visita é o seguinte, sr. Villa-Verde. Informaram-me que o sr. costuma vender diamantes, pagando-se uma pequena commissão pelo seu trabalho. Ora eu, desculpe-me a franqueza, sou um verdadeiro bruto, que só veio a este mundo para trabalhar e mais nada. Contractado para umas escavações nas Lavras Diamantinas, descobri um dia, lá com os rapazes do garimpo, estes diamantes que trago comigo. Os rapazes entenderam que era melhor fazer-se uma sociedade; encarregaram-me de vendel-os e para

isto estou eu aqui. E' verdade que as pedrinhas não são grandes; mas posso garantir que são de primeira agua. Ora, como já disse, eu sou um bruto, que não sei mesmo dar valor a estas coisas, e tanto isto póde ser uma fortuna, como póde ser uma ridicularia... Faça o favor de vê... (*mostra as pedras*).

Renato — (*examinando*) São pequenas, são... (*a' parte*) Oh! que idéa que tive! (*alto com indiferença*) A partida é regular... não é lá de grande valor; mas em todo caso sempre se pode achar um preço por ella. O peor é que hoje é dia santo e nada se póde fazer. (*a' parte*) Esta partida vale, pelo menos, uns cincoenta contos de réis! Si eu pudesse apossar-me destas pedras...

Matheus — Tambem eu, como lá se diz, não estou com a corda na garganta. Ora vamos combinar uma coisa...

Renato — Pois vamos combinar....

Matheus — O senhor fica com as pedras. Como hoje é dia santo, eu sigo para fóra e só venho na vespera de Anno Bom. O senhor fica com as pedras, não é assim?

Renato — ( *fingindo-se indifferente*) Si o senhor quizer....

Matheus — Quero, sem duvida, e vou des-cansado porque um amigo meu me disse que o senhor é muito entendido nestes negocios. Quando eu voltar, então o senhor me dá conta disto.

Renato — Não quer que lhe escreva uma declaração?

Matheus — P'ra que? Eu cá não entendo destas coisas... em todo caso, p'ra viver ou morrer... como as pedras não são todas minhas... acceito... Por mim não, não precisava... porque... ou a gente é seria ou não é...

Renato — (*a' parte*) E' preciso passar-lhe

um documento que não me comprometta (*escrevendo a declaração em voz alta*). — Declaro que recebi do sr. Matheus uma partida de pequenas pedras — (*entregando a Matheus*) Aqui está, sr. Matheus.

Matheus — Muito obrigado (*guarda a declaração*) Minha senhora (*dirigindo-se á Lucia*), perdoe este incommodo (*para Renato*). Então até a volta.

Renato — (*apertando-lhe a mão*) Até a volta (*Matheus sae*).

## SCENA VI

RENATO, LUCIA E THEREZA

Renato — (*voltado para a porta por onde saiu Matheus*) Vae, grande imbecil! Enquanto eu procuro uma posição, esgotando todos os recursos, vendo-me constantemente a braços com a miseria, tu, por uma ironia da sorte, encontras de repente uma fortuna, que podia ser o principio de minha independencia! Cincoenta contos que, habilmente manejados, poderiam aniquilar todas as minhas desgraças! Que poderiam transformar-se em milhões, levantando-me diante desta sociedade vil e ambiciosa, que seria a primeira a render-me um culto de admiração! E quem poderá impedir de apossar-me destes brilhantes, fugir para bem longe, abandonar tudo, até o meu proprio nome, e ser um homem feliz, rico e considerado! A honra... a consciencia!... palavras banaes... illusorios recursos dos miseraveis!... A honra!... mas que é a honra, sem o dinheiro? Que é a honra envolta nos trapos da miseria? Que é a honra quando se tem fome? A consciencia!

cia!.. mas que vale a consciencia para a sociedade inteira, quando esta consciencia está occulta no fundo do coração?...

Thereza — Está mais descansada, minha senhora?

Lucia — Sim; estou.... a fraqueza é que me mata...

Renato — (*sentando-se*) A consciencia!... A consciencia não é mais do que o despertar de uma lembrança alegre ou dolorosa do passado; mas uma lembrança que ninguem vê, ninguem sabe ou comprehende, siquer! E si um dia, eu, a custa destes brilhantes, adquirisse uma fortuna, tu, sociedade egoista, serias a minha propria defensora, condemnando aquelles que me quizessem condemnar!

Lucia — Renato... Renato...

Renato — (*sem ouvir*) Oh! Estas pedras hão de ser minhas!... Sim, hão de ser minhas, embora o mundo inteiro lance sobre minha cabeça o seu odio, a sua maldição!

Lucia — Renato... não ouves?

Thereza — (*á parte*) Em que estará pensando aquelle homem?

Renato — E aquella mulher? (*apontando para Lucia*) Como poderei affastar-me daquella mulher?

Si eu saisse agora... vendesse por qualquer dinheiro um ou dois brilhantes, e depois...

Lucia — Renato... (*para Thereza*) Thereza, chama meu marido...

Thereza — (*para Renato*) A senhora está chamando (*senta-se pensativa junto a mesa*).

Renato — (*com fingida amabilidade, sentando-se em uma cadeira junto a cama*). Lucia, eu tive agora uma lembrança, que póde suavisar o seu estado e conceder-me alguma

tranquillidade de espirito. O meu desassocogo faz-me ficar imprudente, aborrecido, grosseiro até; mas eu estava pensando no meio de melhorar nossas dificuldades. Nosso filho não merece ainda tão cedo compartilhar de nossos soffrimentos.

Lucia — Sim, meu amigo, tens razão.

Renato — Nas condições em que me vejo, não posso dar-lhe a necessaria alimentação....

Lucia — Nem eu posso ter o indispensavel tratamento.

Renato — E' verdade; mas eu lembrei-me.. não sei si você quererá concordar comigo.....

Lucia — Fala, Renato.

Renato — Lembrei-me de arranjar uma recommendação para você ir para a enfermaria da Misericórdia. Ahi teria todos os recursos para ficar promptamente curada. Durante sua ausencia nosso filho seria confiado aos cuidados de pessoa de minha amizade. Eu iria vel-o constantemente, contribuindo com o que estivesse em minhas forças para as despezas que elle fizesse.

Lucia — Um hospital! A que estado chegamos nós!...Eu a tude me sujeito, soffrerei tudo resignada...si não ha outro remedio, seja feita a vontade de Deus!

Thereza — (*á parte*) E eu tambem que sou pobre, que não posso amparar esta infeliz moça...

Renato — Depois...mediante algumas recommendações... dá-se bom tratamento no hospital..

Lucia — E eu não poderei ir com meu filho?

Renato — Não ha necessidade disso; a creança ficará em boa companhia, não se afflija.

Lucia — E tu irás vel-a todos os dias? Irás tambem ver-me no hospital?

Renato — De certo .... Então aceita?... Concorda comigo?

Lucia — Sim....aceito.

Renato — (*a' parte*) Está vencida a primeira difficuldade.

Lucia — Então, meu amigo, affasta-me daqui quanto antes. Esta miseria esmaga-me, este quarto parece-me uma sepultura... Si não fosse Thereza, si não fosse o seu generoso coração, que teria sido de mim?... Só sinto deixar meu filho... mas tu irás vel-o, tu irás todos os dias dar-me noticias delle... e assim que eu melhorar, voltará para a minha companhia, não é assim?

Renato — Já prometti que hei de ir vel-o todos os dias, a toda hora, sempre. Ora muito bem; uma vez que estamos de accordo, e que as providencias já estão dadas porque eu já contava com o seu consentimento, vou sair para quanto antes mandar duas pessoas buscal-a para conduzil-a ao hospital. Si eu não voltar com ellas, lá estarei para esperal-a. Bem, até já (*a' parte*) Agora...ou a fortuna ou o inferno!...(sae).

## SCENA VII

LUCIA E THEREZA

Lucia — O hospital! Ouviste, Thereza, um leito no hospital e por esmola!... E esta pobre creança!... Como passarás tu na minha ausencia, meu pobre filho?!

Thereza — (*que se tem aproximado da marquiza, onde senta-se*). Que se ha de fazer? Ao menos a senhora não morrerá de fome... Si eu pudesse tomar conta de seu filho... Si seu marido consentisse que eu lhe dêsse um pro-

tector... mas não! Elle em breve levará esta creança que eu ainda hontem vi nascer e a quem já quero tanto como si fosse meu filho!

Lucia — Mas em pouco tempo estarei curada, estarei bôa, não é verdade, Thereza?

Thereza — Sim, minha senhora, eu tenho fé em Deus que a senhora voltará para crear seu filho, que bem precisa dos carinhos de mãe!

Lucia — E si eu morrer? ... Si eu morrer, Thereza?

Thereza — Não fale assim, minha senhora, é preciso ter coragem, animo, resignação (*ouve-se fóra toque de musica festiva, que só se extingue ao sair de Lucia*).

Lucia — Que é isto, musica?

Thereza — E' a musica que volta da festa do Natal, minha senhora (*vae ao fundo*).

### SCENA VIII

LUCIA, THEREZA E DOIS HOMENS

Um dos homens — A sra. Thereza?

Thereza — Sou eu.

Um dos homens — *Vimos* buscar a doente para o hospital.

Thereza — E seu marido, o sr. Renato?

Um dos homens — Acaba de embarcar.

Thereza — (*a meia voz*) Como?... O que?... Acaba de embarcar?... Para onde?...

Um dos homens — Não sei; só tivemos ordem para levar a doente.

Thereza — E o filho?

Um dos homens — Não sei, não sei; e vamos com isto que temos mais que fazer.

Thereza — Ah!... Compreendo tudo agora; mas será possível, meu Deus!...

Lucia — Thereza, ó Thereza, quem está ahí?

Thereza — São as pessoas encarregadas por seu marido para leval-a, minha senhora.

Lucia — E meu marido não veio?

Thereza — Seu marido....

Um dos homens — O sr. Renato....

Thereza — (*interrompendo e impondo silencio*) Vae esperal-a no hospital, minha senhora.

Lucia — Então seja feito o ultimo sacrificio, meu Deus! Meu filho, Thereza, eu quero meu filho! Eu quero dar-lhe o meu ultimo beijo, quero abraçal-o, talvez pela derradeira vez. (*querendo levantar-se*) Ampara-me, Thereza, eu quero beijar meu filho!

Thereza — Vamos, minha senhora, coragem!

Lucia — (*com o filho nos braços e soluçando*) Adeus, meu filho, adeus meu querido filho! Unico thesouro da minha vida, adeus!... (*entregando o filho a' Thereza e para os dois homens*) Oh! levem-me, levem-me daqui, por piedade!...

Thereza — (*com a creança nos braços e accomodando Lucia na marquezã*). Esteja descansada minha senhora.... (*Os dois homens suspendem a marquezã e saem vagarosamente*).

Lucia — Thereza, lembra-te de meu filho!

Thereza — (*acompanhando-a até a porta do fundo, sempre com a creança nos braços*). Sim, prometto! (*Os homens desaparecem.*)

### SCENA ULTIMA

THEREZA (*parada á porta do fundo*)

A alegria lá fóra e a tristeza aqui!  
Enquanto aquellá infeliz segue para o hospital, seu marido, aquelle miseravel, parte, foge,

talvez, deixando esta creança abandonada! (*descendo a' scena arrebatadamente*) Abandonada!.. (*resoluta*) Não, mil vezes não! (*surdina na orchestra.*) Abandonada, não! Enquanto Deus me der força e coragem para trabalhar, eu, que não passo de uma pobre creada, juro, juro que te servirei de mãe! (*beija a creança nervosamente e cae de joelhos.-- Desce o panno*).



SEGUNDO ACTO

VINTE ANNOS DEPOIS

PERSONAGENS

General Roberto d'Avila.....	45 annos
Helena ( <i>sua filha</i> ).....	19 »
Alvaro ( <i>estudante de direitos—protegido do General</i> ).....	20 »
Barão Cezar de Montebello.....	45 »
Thereza ( <i>creada do General</i> ).....	45 »
Um creado.	

## CASA DO GENERAL

*Sala com portas lateraes e ao fundo. A E. B. um sofá, cadeiras ao lado e a necessaria mobilia.*

### SCENA I

HELENA E THEREZA

(*Ac subir o panno, Thereza espana os moveis.*)

Helena — (*para o interior*) O que eu quero é que tu não te demores (*descendo á scena e para Thereza*) O bonito é si Alvaro não encontra o jardineiro.

Thereza — O que sou capaz de jurar é que a senhora não fica sem suas flores. Nosso querido Alvaro irá até o fim do mundo, si fór preciso, só para ver a senhora satisfeita.

Helena — Eu é que sou uma esquecida, Thereza.... Lembrar-me só agora das flores, quando hontem mesmo podia tel-as encommendado ao jardineiro!...

Thereza — É que tem isto, minha senhora? Alvaro ficaria zangado e com toda razão, si a senhora o poupasse de similhante prazer. Ah! eu bem o conheço; ninguem melhor do que eu comprehendendo seu coração.

Helena — E és tu somente que o comprehendes? E eu, então, eu que leio até em seu olhar o que se passa no intimo de sua alma? Bem sabes que desde creanças vivemos juntos; juntos fomos creados....

Thereza — (*interrompendo-a*) E agora que direi eu, minha senhora? Eu que o vi nascer; eu que dois dias depois servi-lhe de mãe; eu, que si

não fosse seu generoso pae, minha senhora, tel-o acolhido, talvez ainda o estivesse sustentando á custa de minha propria miseria?!...

Helena — E' verdade, Thereza. Tens-lhe dispensado até hoje, e lá se vão vinte annos, todos os carinhos de uma extremosa mãe. Graças ao coração generoso de meu pae, Alvaro em breve terá conquistado posição definida e nobre perante a sociedade. Terá em breve um titulo bastante honroso, alcançado por seu talento e sua applicação.

E quando um dia, muito proximo talvez, receber a recompensa que merece a grandeza de sua alma, a nobreza de seu character, então, de frente erguida, poderá transpor todas as posições, sem corar do principio de sua existencia, quando encontrar-se frente a frente com os preconceitos sociaes!

Thereza — Muito bem, minha senhora. Ah!.. como elle seria feliz si ouvisse estas suas palavras!

Bem as merece; mas nem todos têm o coração da senhora, nem todos pensam assim. Muitos, invejando, talvez, a amizade que o sr. general lhe dedica, quantas e quantas vezes não dirão, rindo-se, ao vel-o passar: Alli vae um abandonado, um....engeitado.... Ah! minha senhora, o preconceito..... o preconceito.....

Helena — O preconceito?!... Mas que é o preconceito sinão o grito exasperado da inveja? Que é o preconceito sinão a revolta da ambição contra o premio a que a virtude tem direito? Que vale uma sociedade que, vivendo do preconceito, abraça o ultimo dos miseraveis pela sua opulencia e abandona o primeiro dos honestos pela sua pobreza? Que vale uma sociedade que absolve o crime dos paes para condemnar a innocencia dos filhos? Que vale uma sociedade que

troca a pureza dos sentimentos pelas moedas de ouro que se lhe póde atirar ás faces ?

A pobreza não envergonha, Thereza, o abandono de um pae não arranca do coração do filho desprezado os verdadeiros sentimentos da honra.

Alvaro, infelizmente, não tem pae, ou si o tem não conhece; contra a obscuridade de seus primeiros dias de vida tem para defendel-o não só a dedicação de meu pae, como a honestidade de seus proprios sentimentos. E quando não tivesse o nosso lar, a nossa companhia, elle não ficaria, mesmo assim, abandonado, porque pertenceria sempre á modesta, mas gloriosa familia do trabalho !

Thereza — (*commovida até as lagrimas*) Ah! generoso coração! Olhe, minha senhora. suas palavras fazem-me até chorar de alegria!

Helena — Estas palavras não são propriamente minhas, Thereza, ouvi-as de meu pae. Elle me tem educado tambem com suas idéas.

Ah! si tu soubesses como eu amo a meu pae e como tambem amo ....

## SCENA II

OS MESMOS E ALVARO

Alvaro — (*sobraçando uma cesta cheia de flores*) Ora eis-me finalmente aqui. Demorei-me bastante, minha querida Helena, seguramente um seculo; mas a culpa não foi minha.

Thereza (*para Helena*) Então, eu não disse á senhora que este freguez não voltava sem suas flores ?

Helena — (*para Alvaro*) Ja te estava condemnando até.

Alvaro — Ah! Já estavas me condemnando? Pois eu appello para um tribunal superior. Bastam duas palavrinhas em minha defesa para ser logo absolvido.

Thereza — Mas é preciso saber que eu já o estava defendendo...

Alvaro — Bem se diz que quem tem padrinho, isto é, madrinha, quero dizer... Ora não imaginam o que aconteceu. A mulher do jardineiro, correndo hoje pela manhã para enxotar um desastrado pombo que lhe estava dando cabo da hortaliça, levou uma tremenda queda e torceu o pé....

Thereza — Pobre mulher!

Helena — Coitada!

Alvaro — O pobre homem, imaginem, ficou como louco. Chorou, fez promessas a todos os santos que conhece, e enquanto a pobre mulher gemia, saia elle em procura de medico, a correr....eis sinão quando....sabem o que aconteceu?

Helena e Thereza — (*a um tempo*) Que foi?

Alvaro — Torceu por sua vez um pé.....

Helena e Thereza — (*a um tempo*) Oh!...

Alvaro — Oh?!... Ui! gritava elle com todas as forças dos pulmões. E eu, para trazer estas flores, *minha rica senhora (para Helena)*, sabe o que tive de fazer?

Helena — Não, que foi?

Alvaro — (*tomando as duas pelas mãos e em tom confidencial*) Não sabem?... Pois então ouçam: fui... fui apanhal-as... fui colhel-as eu mesmo.

Helena e Thereza — (*a um tempo*) Ah!... ah!... ah!...

SCENA III

OS MESMOS E O GENERAL

General — (*entrando da rua*) Sim senhor, sim senhor!...Reina grande alegria cá por casa; porém que viram vocês? Ora, palavra de honra que eu também estou com bastante vontade de rir hoje; entretanto, si não fosse a protecção de um homem desconhecido, talvez esta casa a estas horas estivesse envolvida em lucto!

Helena — Oh! meu pae, não se lembre mais disto; o perigo já passou e sua filha aqui está. Agora dê-me um abraço bem apertado e um beijo; depois, então, direi o motivo deste nosso contentamento.

Thereza — E' verdade, sr. general, não fale de coisas tristes...

Alvaro — ... E an occasião em que estamos entregues a uma alegria do coração, que não deve ser perturbada pela lembrança de acontecimento tão medonho! Olhe, sr. general, Helena mesma pediu-me, a mim e á Thereza, para não pronunciarmos uma só palavra a respeito; e temos cumprido religiosamente o seu pedido: até agora ainda não falamos nisto.

Helena — Sim, sim, meu pae, pedi-lhes e peço-lhe também. A idéa de dever gratidão a uma pessoa desconhecida, que apesar de ter me salvado a vida, despertou-me no mesmo instante do perigo a mais estranha repulsão, me constringe e aborrece.

General — Então te afflige o falar daquelle a quem deves hoje a vida?

Helena — Sim, meu pae, não sympathisei com elle.

Alvaro — Pois não tens razão; elle fez o que poude para agradar-te e...

Helena ... e aborreceu-me...

General — Pois então seja feita tua vontade, não falemos mais nisto; mas em todo caso devemos recebê-lo e tratá-lo sempre com as considerações que nos merece e a que tem direito por sua alta posição. Bem sabes que elle mandou prevenir-me que se apresentaria hoje em nossa casa, accedendo ao convite que muito expressamente lhe enviei. Si antes desse acontecimento não o conhecíamos, era natural; ha quatro dias, apenas, chegou a esta cidade como enviado pela Providencia para assignalar sua vinda com a mais cavalheirosa prova de coragem e desinteresse. E si não fosse este successo, talvez não tivesse ainda a honra de travar relações com tão grande personagem, que vive a correr mundo, solteiro e altamente collocado, conforme me informaram...

Helena — Mas, meu pae, não falemos mais nisto...

Thereza — Sim, sr. general, não fale mais nisto.

Alvaro — E' verdade, não falemos mais nisto.

General — Irra!... Pois então não falemos mais nisto; porem... vocês sabem quem elle é?

Alvaro — Si sabemos?... Pois não fomos nós que tudo dissemos hontem ao sr. general?

Cezar de Montebello, disse-me ao separarmos. Compreende o sr. general que eu, pelo menos, não poderei esquecer nunca o nome daquelle que com o perigo da propria vida salvou-me e a Helena da morte.

General — Cezar de Montebello sem mais nada?

Alvaro — Sem mais nada, que eu saiba.

General — Pois estás muito atrasado; ando melhor informado pelo que vejo, meu amigo. O teu salvador chama-se — o sr. barão Cezar de Montebello (*para Helena*) Ouviste, Helena?

Helena — (*com indifferentismo*) Ouvi, meu pae.

General — E não é só isto: fidalgo, millionario e... solteiro... (*accentuando a ultima palavra e com olhar significativo para Helena*) — Alvaro, por sua vez, lança olhar furtivo para Helena).

Alvaro — (*á parte*) Barão.. millionario... e solteiro... peor está esta...

Helena — Mas, meu pae, mudando de conversa, oiça agora a novidade que tenho para contar-lhe. Sabe que fiz uma promessa?

General — Não sabia; mas isto não é coisa de estranhar, porque todos os dias estás a fazer promessas a todos os santos da côrte celeste.

Alvaro — Mas é que desta vez tambem o sr. general ha de acompanhar-nos.

General — Não ha duvida, não ha duvida; si eu, porém, não puder ir...

Helena — Nada, nada; desta vez não admittimos desculpas. Iremos todos juntos, porque, além de tudo, a promessa é muito seria.

General — Muito séria?!... Então de que se trata?

Alvaro — Em meio do perigo em que subitamente nos vimos, Helena prometteu ao Senhor dos Afflictos... uma (*para Helena*), uma o que, Helena?... eu já não sei bem o que foi...

Helena — Uma esmola para os pobres orphãos protegidos pelo nosso santo vigario.

General — Está direito, está direito; estas pobres creancinhas bem que precisam, coitadas!

Foi boa lembrança, foi. Pois está dito, iremos todos juntos.

Helena — Quando havemos de ir, meu pae?

General — Hoje, amanhã, depois, quando quizeres...

Alvaro — Neste caso, vamos combinar o seguinte: faremos esta romaria de familia no proximo sabbado, na vespera de minha partida para Pernambuco.

General — Pois então está dito; iremos todos na vespera de tua partida para a academia. (*para Thereza*) O' Thereza, não te esqueças de mandar aviso ao vigario de nossa visita á capelinha nesse dia, heim?

Thereza — Sim, sr. general. E que alegria não vae sentir o sr. vigario!...

General — Elle só? Elle e mais aquella caterva de... *afilhados*, que me parece um exercito em miniatura...

Thereza — Tambem o sr. general... crédo!..

General — Bem, bem, eu dispenso agora o teu crédo, Thereza, porque estou, aqui para nós, com o estomago a cantar ladainha. (*para Alvaro*) O' Alvaro, que horas temos por ahi?

Alvaro — 3 horas, sr. general.

Helena — Então, meu pae, vou preparar-me para o jantar.

Alvaro — E eu tambem.

General — Perdão... *V. Ex.* vae ficar um quarto de hora aqui comigo. Precisamos conversar. (*para Thereza*). Thereza, vae dar as providencias lá por dentro (*Thereza sae*).

SCENA IV

OS MESMOS, MENOS THEREZA

Helena — Até já, meu pae.

General — Não te demores muito, heim ?  
Lembra-te de que o jantar é para hoje.

Helena—(rindo-se) Sim, sim, meu pae (sae).

SCENA V

GENERAL E ALVARO

Alvaro — Estou ás suas ordens, sr. general.

General — Senta-te aqui, meu filho (*desi-  
gnando-lhe um acadeira junto ao sofá*). Sabes  
que tenho o direito de chamar-te meu filho. . . .

Alvaro — Sei, meu bom amigo, e agradeço  
sempre á Providencia esse direito, que tem sido  
minha felicidade.

General — E' que tu a mereces. Como por  
vezes já te tenho dito, desde os primeiros dias  
de teu nascimento vieste para minha companhia.  
Ha vinte annos passados, e ainda me lembro  
como si fosse hoje, uma pobre mulher, des-  
grenhada, lacrimosa, atordoada, sem duvida por  
uma commoção violenta, entrou-me pela casa a  
dentro e quasi que sem poder falar (*commovido*).  
Ah! ainda me lembro! Era dia de Natal: a  
musica percorria as ruas de uma pobre villa onde  
eu residia; a alegria da festa se espalhava em  
todos os corações; eu estava em meu gabinete  
escrevendo; minha fallecida mulher costurava a  
meu lado; de repente abre-se a porta de meu  
gabinete, minha mulher levanta-se, volto a cabeça  
e vejo, ajoelhada a meus pés, uma mulher a quem

muito já estimava pelos laços de amizade que me  
prendiam a seu velho pae, que me salvára da  
morte no campo de batalha. Ella trazia nos braços  
uma creança recém-nascida. A mulher era Thereza,  
a creança eras tu. Mal abrias os olhos; parecia  
que o proprio Deus não queria que visses  
bem a miseria e o desespero de tua mãe! E  
sabes quem era o causador de sua miseria, de  
seu desespero ? Era teu pae, era esse miseravel,  
que. . . .

Alvaro — (*levantando-se*) Sr. general! . . .

General — (*continuando e levantando-  
se*) . . . esqueceu-se de seus deveres e. . .

Alvaro — (*interrompendo*) Perdão, sr. ge-  
neral, pela amizade que me consagra, não fale  
assim desse infeliz.

General — Então queres defender esse  
homem ?

Alvaro — E' meu dever, sr. general, porque  
esse homem é meu pae.

General — Sim, é teu pae porque deu-te a  
vida; teu pae porque tens coração nobre e  
generoso; mas, um pae que não trepidou em atirar  
tua desgraçada mãe sobre o miseravel leito de  
um hospital e abandonar-te, a ti, que eras seu  
proprio filho, sem escutar, siquer, a voz do sangue,  
o grito da consciencia !

Alvaro — Oh ! por Deus, sr. general, esque-  
çamos o procedimento de tão infeliz creatura.

General — (*continuando*) Alvaro, é neces-  
sario que, de uma vez por todas, saibas a historia  
do teu passado. Teu pae, cujo nome até hoje te  
tenho occultado, chamava-se. . . .

SCENA VI

OS MESMOS, UM CREADO E DEPOIS O BARÃO

Creado — (*completando a phrase e entregando um cartão de visita ao general*) O sr. barão Cezar de Montebello (*sae*).

General — (*encaminhando-se para a porta*) Ah! o sr. barão! Seja bem vindo, sr. barão.

Alvaro — A presença de v. ex., nos alegrá sobremodo.

Barão — General, v. ex., me recebe com tanta amabilidade... que póde assim obrigar-me a abusar algumas vezes de tão bello acolhimento.

General — (*apertando-lhe a mão*) V. Ex., aqui está em casa de amigos que lhe devem o coração (*o barão inclina-se*).

Alvaro — O sr. general diz bem, sr. barão. Emquanto nos lembrarmos de que sem a coragem de v. ex., Helena hoje seria cadaver; emquanto nos lembrarmos de que v. ex. salvou-nos a vida, havemos sempre de recebê-lo de braços abertos.

Barão — Realmente tive esta suprema felicidade. Ha vinte e quatro horas apenas que nos conhecemos, e desde o primeiro momento, santificada pelo perigo, ficou jurada a mais sincera amizade entre nós. Oh! lembro-me perfectamente (*para o general*). Si v. ex., visse, como eu vi hontem, o perigo diante dos olhos, querendo sacrificar duas victimas em um só momento, de um só golpe, v. ex., sr. general, apesar de destemido, havia de tremer como eu tremi! O sr. Alvaro e sua exma. filha, general, que voltavam

do passeio matinal, foram de repente assaltados por um grupo de malfeitores.

Os animaes em que vinham montados sua prezadissima filha e seu joven companheiro, apesar de inauditos esforços, não puderam avançar um passo. O cavalheiro manejava habilmente o pequeno chicote; mas este não podia defendel-os. Casualmente appareço na curva do campo que me occultava aos olhos dos aggressores. Desfecho alguns tiros de revolver e os bandidos fogem espavoridos, causando simplesmente terrivel susto ao interessante par. O que fiz, general, nada vale, qualquer tel-o-ia feito em meu lugar.

General — Quanto mais v. ex. procura tirar o merecimento do acto que praticou, tanto maior se torna á nossa gratidão.

Alvaro — Apoiado, sr. general, o sr. barão foi o nosso unico salvador (*aperta-lhe a mão*).

SCENA VII

OS MESMOS E HELENA

Helena — Estou prompta, meu pae (*reparando*) Ah!...

Barão — (*comprimentando-a*) Minha senhora...

General — Approxima-te, minha filha, este digno cavalheiro já não é pessoa estranha para nós...

Alvaro — Certamente, á inter venção do sr. barão devemos hoje a vida.

Helena — Creia, sr. barão, que apreciamos devidamente o cavalheirismo que teve para comnosco.

Alvaro—Sr. general...sr. barão... si me concedem licença...

Barão—Oh! senhor, perfeitamente.

General — E vê si encontras no caminho alguém que nos traga noticias do jantar (*Alvaro sae rindo-se*).

### SCENA VIII

OS MESMOS, MENOS ALVARO, E DEPOIS UM CREADO

Barão —Mas perdão, sr. general...assim a minha visita torna-se importuna e...

General —De modo algum, sr. barão, ficaríamos, aliás, bastante lisongeados si tivéssemos a honra de vêr v. ex. collocado á nossa mesa; não é verdade Helena?

Helena — (*disfarçando a contrariedade que lhe causa o convite*) Sim...effectivamente, meu pae.

Barão—(*a' parte*) Vae tudo ás mil maravilhas (*alto*). A honra, neste caso, é só para mim; e si não fosse abusar de tanta generosidade, eu responderia...

General — Que acceita, não é assim?

Barão — Sem duvida...

Helena — Mas talvez o sr. barão tenha algum compromisso, meu pae.

General — Dizes bem, talvez o sr. barão tenha algum compromisso.

Barão — Não ha compromissos que me possam obrigar a deixar de accuitar tão gentil convite, que é para mim verdadeira ordem.

General — Ora ainda bem, mas não fica só nisto a minha exigencia, oiça, sr. barão; estamos com um projecto magnifico. Minha filha, no meio do perigo em que se viu, fez uma promessa,

resolvemos ir em romaria ao Senhor dos Afflictos; e o sr. barão, que tomou parte tão notavel naquelle accntecimento, não póde ser esquecido, e cremos nos dará a honra de sua companhia..... Emfim sobre isto conversaremos detidamente depois do jantar.

Creado — Está servido o jantar, sr. general (*sae*).

General—Então... queira ter a bondade, sr. barão...

Barão — (*offerecendo o braço a Helena*) Minha senhora... v. ex. dá-me esta honra?... (*saem*).

### SCENA IX

ALVARO (*só*)

(*Entrando depois que o grupo desaparece*) Ah! já não estão aqui (*pensativo*) Barão Cezar de Montebello... millionario... e solteiro. Devo muito, muito, a esse homem, devolve a vida (*apos ligeira pausa*); mas não sei o que sinto no coração! .... (*deixa-se cair pensativo numa cadeira*).

### SCENA ULTIMA

ALVARO E THEREZA

Thereza—Que faz aqui tão pensativo, meu filho? O sr. general manda chamal-o para jantar; estão todos a sua espera e o sr. barão, bem sabe, é pessoa de cerimonia...

Alvaro—O sr. barão tambem... (*com vivo interesse*) E Helena, Thereza, e Helena, está a seu lado, viste?

Thereza — Está, e que tem isto? Querem ver que são ciumes? Ah! já são ciumes! Ah!

ah! Tenho que contar á senhora Helena, tenho que contar; mas, meu filho, vamos que o sr. general está a nossa espera.

Alvaro — Não sei si são ciumes, Thereza, o que sei é que sou muito infeliz! Sem pae, sem mãe, abandonado desde o berço... si Helena tambem me abandonasse!...

Thereza— (*com energia*) Ah! si ella tambem o abandonasse... eu juro, juro que serviria pela segunda vez de mãe! (*Alvaro lança-se nos braços de Thereza — Cae o panno com rapidez*).



TERCEIRO ACTO

AOS PÉS DA CRUZ

PERSONAGENS

General Roberto d'Avila.  
Helena.  
Alvaro.  
Barão Cezar de Montebello.  
Lucia.  
Matheus.  
Thereza.  
O Vigario.  
O Sachristão.

## VISTA DE BOSQUE

*Ao fundo uma capella, tendo á frente um Cruzeiro.  
Na pequena torre da capella um sino, cuja corda  
communica com o interior.*

### SCENA I

O SACHRISTÃO (só)

*(Abre a porta da capella e volta a buscar num degrão do Cruzeiro um embrulho de velas de cera)* Ora que destino o meu! Missas todos os dias, festas todas as semanas e romarias quasi a todas as horas! Isso sem falar ainda nos baptisados, casamentos e encomendações! Então cá por esta freguezia tem nascido ultimamente creanças, que é mesmo um Deus nos acuda! Eu acho que já fazem isto de proposito para darem que fazer ao sr. Vigario. Hoje temos cá por casa a visita do sr. general Roberto d'Avila, e não tenho remedio sinão repicar mais esta vez. Ah! si os santos me ouvissem, si os santos me ouvissem, o sino da capellinha já teria deixado cair o badalo ha muito tempo. Para o general ainda vale a pena a gente fazer um sacrificio, sempre deixa alguma coisa...

A sra. Helena tambem gosta muito da musica do sino! A ultima vez que aqui esteve me disse, de véras satisfeita: «O' Malaquias, você sabe repicar bonito!» Não ha remedio, portanto, sinão ser agradavel ao general e á sua filha; toca a repicar, Malaquias, toca a repicar...  
*(dirigindo-se para a capella com o embrulho*

*debaixo do braço — vendo o Vigario que vem entrando).*

Bom dia, sr. Vigario *(beija-lhe a mão)*.

### SCENA II

SACHRISTÃO E VIGARIO

Vigario — Deus te dê bons dias, Malaquias. Então já está tudo preparado? Olha que o sr. general e a sua familia não podem tardar.

Sachristão — Já está tudo prompto, sr. Vigario; só falta accender as velas e puchar a corda do sino.

Vigario — Oh! homem de Deus, e porque não acabas logo com isso? Não temos tempo a perder.

Sachristão — Vou já, sr. Vigario, vou já *(corre para o interior da capella)*.

### SCENA III

VIGARIO (só)

O sr. general por aqui! Que alegria para os meus pequenos! Que alegria para a Casa do Senhor! E mais a sra. Helena! E o sr. Alvaro! E mais a sra. Thereza! A sra. Helena que é um anjo, a mãe dos pobres, a protectora dos desvalidos *(o sachristão repica pausadamente, para, torna a repicar com violencia, torna a parar e assim successivamente)* Já começa o Malaquias com os seus repiques. O' Malaquias!... Qual, o rapaz não ouve. O general é o culpado; agrada-o tanto... *(os repiques augmentam)* Assim tambem

é de mais (*aproveitando uma pausa do sino*) O' Malaquias!... Malaquias!...

Sachristão — (*de dentro*) Deixe estar, sr. Vigario, que não acabo tão cedo!

Vigario — O' rapaz, ó filho de Deus, tem paciência, também isto não é assim. Não precisa esta furia; olha que a freguezia pode pensar que é alguma festa.

Sachristão — (*de dentro, moderando os repiques*) O' sr. Vigario, está direito assim?

Vigario — O verdadeiro é dizer ao rapaz que não repique mais (*para o interior*) O' Malaquias, Malaquias, basta, chega, não precisa mais. Qual!.. É preciso que eu mesmo vá affastal-o do sino (*entra na capella*).

#### SCENA IV

GENERAL, HELENA, ALVARO, BARÃO E THEREZA

(*entrão da E. A. Helena vem na frente com Alvaro, seguidos de Thereza; mais affastado o General, conversando intimamente com o Barão—curvam-se todos diante do Cruzeiro, excepto o Barão*).

General—Venha apreciar, sr. barão, esta magnifica paisagem e ao mesmo tempo aproveitaremos a occasião para conversarmos livremente.

Barão — Perfeitamente, sr. general (*suem pela D. A. conversando*).

#### SCENA V

HELENA, ALVARO E THEREZA

Thereza—(*a' parte, olhando para o barão que se affasta*) A voz daquelle homem não me é

estranha . . . . . Todas as vezes que elle fala, me parece estar ouvindo a voz... (*fica pensativa*).

Alvaro — (*para Helena*) Póde muito bem ser que eu esteja de espirito prevenido, Helena, desconfiado, ciumento mesmo; mas a verdade é que o barão me constrange com as amabilidades com que te trata.

Helena — E que importa isso? Não sabes que eu aborreço-o, que o desprezo? E depois, não tens confiança em mim?

Thereza—Alvaro parece uma creança desde a primeira visita que o sr. barão fez ao sr. general... Não vejo motivo para tristezas...

Alvaro — E' que só eu tenho notado o olhar insistente do barão, as meias palavras, as indirectas... e os sorrisos... A's vezes até me parece que moteja de mim; que procura humilhar-me, lançar-me ao ridiculo mesmo.

Helena — Elle?... Qual!... não tem poder para tanto.

Alvaro — O que posso jurar-te, minha querida Helena, é que durante esta minha ausencia, meu pensamento te seguirá por toda a parte. Tua lembrança reviverá meu coração para suavisar o martyrio da saudade. A idéa de que me esperas, a convicção de teu amor e a crença na firmeza de tua lealdade, dar-me-ão a coragem necessaria para supportar esta ausencia de tres meses, que a bem do nosso futuro não podemos evitar.

Helena — Sim, Alvaro, tres meses mais, e voltarás digno de obteres o consentimento de meu pae, que até hoje confunde o nosso amor com uma sincera amizade de irmãos.

Thereza—(*a' parte*) Aquelle olhar... aquella voz... (*reflectindo*) mas não!... qual!... não pode ser...

Alvaro—Helena, amanhã a esta hora estarei bem longe, talvez. Creio na sinceridade de teu affecto; mas parece que o destino nos trouxe até aqui para aquella Cruz (*indicando o Cruzeiro*) ser testemunha silenciosa e sagrada do primeiro beijo do nosso noivado!

Helena— Sim, Alvaro, aquella Cruz e esta boa mulher (*para Thereza*), que te tem servido de mãe...

Thereza— Porque amo-o, sim; amo-o, como si fosse meu filho (*Alvaro depõe um beijo na frente de Helena, no momento em que o general, de braço dado ao barão, apparece ao fundo*).

### SCENA VI

OS MESMOS, O GENERAL E O BARÃO

Barão— (*apontando para Alvaro*) Viu, sr. general? Eis uma prova do que acabei de dizer a v. ex.

General— Realmente é um abuso de confiança (*para Alvaro*) Alvaro...

Alvaro— (*sorprehendido*) Ah!...

Helena— (*a' parte*) Meu pae!...

General— (*com gravidade*) Vae participar ao sr. Vigario a nossa chegada.

Alvaro— Sim, sr. general (*a' parte*) Teria elle visto? (*entra na capella*).

### SCENA VII

OS MESMOS, MENOS ALVARO

General— (*para Thereza*) Da um pulo lá em casa e traze-me a carteira que deixei sobre a mesa de meu gabinete.

Thereza— Sim, sr. general. (*retirando-se, volta ainda um olhar para o barão— a' parte*) Si fosse elle... mas não... vinte annos depois?... (*resoluta*) Não é elle... não póde ser... (*sae pela E. A.*).

### SCENA VIII

OS MESMOS, MENOS THEREZA

General— Minha filha, esta romaria hoje vae ficar assignalada, em nossa vida intima, por um factó de alta importancia.

Helena (*estremecendo*) De alta importancia?!..

General— Sim, minha filha, da mais alta importancia.

Barão— Eu tive a honra de solicitar do sr. general...

General— A tua mão, Helena.

Helena— (*impressionada*) Ah!..

Barão— Sim, a mão de v. ex.

### SCENA IX

OS MESMOS, ALVARO E O VIGARIO

Vigario (*dirigindo-se ao general*) Ora seja bem apparecido, sr. general...

General— Então, revm., como vamos de saude? (*estende-lhe a mão*).

Vigario— Menos mal, graças a Deus, sr. general (*para Helena*) Oh! a menina Helena, o anjo bom desta freguezia (*dando-lhe a mão*), então como tem passado, depois daquelle mau dia?

Helena— Bem, sr. Vigario (*beija-lhe a mão*).

General — Eis aqui o seu salvador, sr. Vigario, tenho a honra de apresental-o: o sr. barão Cezar de Montebello (*o barão inclina-se para o Vigario*) E eis aqui, sr. barão, o nosso presado Vigario, o verdadeiro pae dos infelizes destes arredores. E' o que se pode chamar um santo de carne e osso.

Alvaro -- (*para o Vigario*) E' verdade, sr. Vigario, ao sr. barão eu e Helena devemos hoje a vida; foi quem nos salvou.

Vigario — Perdão, sr. Alvaro, a Deus em primeiro lugar, depois ao sr. barão.

Helena — Diz bem, sr. Vigario, a Deus em primeiro lugar.

Barão — (*á parte*) Estupidos! Attribuem a Deus o que só eu seria capaz de fazer!

SCENA X

OS MESMOS E O SACHRISTÃO

Sachristão — (*saindo ás pressas da capella*) O sr. general... a sra. Helena... Oh! bom dia, sr. general, bom dia, sra. Helena... sr. Vigario eu volto já... eu volto já... eu vou repi... picar.

Alvaro — (*detendo-o*) Já estamos fartos de badaladas, grande bregeiro.

Sachristão — Ao menos, sr. Alvaro, um re... pi... pi... pi... pi... pi... pi... pipão...

General — (*ao sachristão*) Olha cá, rapaz (*dá-lhe uma moeda*).

Sachristão — (*muito contente*) Deus lhe pague sr. general, muito cbrigado (*guarda a moeda*).

Vigario — Oh! sr. general, que incommodo

lhe dá o Malaquias, todas as vezes que v. ex., aqui vem!...

General — Ora qual...

Helena — O sr. Vigario nos acompanha á capella, não é assim?

Vigario — Pois não, minha senhora, pois não, vamos meus senhores.

(*Alvaro dirige-se á Helena para offerecer-lhe o braço; o barão adianta-se, offerecendo-lhe o seu; Helena vacilla, olha para o general que lhe faz signal affirmativo, ordenando-lhe que accete o braço do barão. Helena obedece; segue para a capella e Alvaro, contrariado, segue por ultimo.*)

SCENA XI

SACHRISTÃO (*só*)

(*Voltando da porta da capella*) Então eu não disse que o general havia de cair com alguma coisa? (*examinando a moeda com satisfação*) Um patacão! Que bello! Um patacão! Ha que tempo não vejo uma moedinha como esta na minha mão! Oh! é muito bom a gente repicar para o general! (*com orgulho*) Isso sim, é que é gente cá do peito, é o meu povo! Só embirrei com aquelle sujeito que está com elle! O maldito tem uma cara de sovina... Para aquelle unha de fome eu não repico nem que Christo desça da Cruz! Não dou nem uma badalada, está dito! E não dou porque não quero. E não é dizer que elle esqueceu-se ou que não sabe o costume cá da terra... Elle viu muito bem o general metter a mão no bolso, tirar alguma cousa e me dar... e elle nem caso... nem nada... Ah! grande patife, deixa-te estar que si mandares o sr. Vigario dizer alguma missa, eu juro-te que não respondo uma só palavra em

latim! (*vae saindo e encontra Thereza que vem entrando*) Oh! a sra. Thereza, pensei que não viesse, sra. Thereza.

SCENA XII

SACHRISTÃO E THEREZA

Thereza — O' Malaquias, tu pensas que eu tenho tuas pernas para correr? Este povo por onde anda?

Sachristão — Estão todos na capella. O' sra. Thereza, que *urso* é aquelle que veio com o general?

Thereza — *Urso!*...

Sachristão — Sim, aquelle sujeito novo, aquelle apparecido?

Thereza — Ah! já sei; é o sr. barão Cezar de Montebello.

Sachristão — Barão de quê... sra. Thereza?

Thereza — De Montebello, rapaz.

Sachristão — De bello é que elle não tem nada; me tem até uma cara de *papa defunto*.

Thereza — Já sei que elle não te deu nada.

Sachristão — Tambem desta vez a sra. Helena não me deu nada, nem o sr. Alvaro; mas não é só por isso, não pude gostar daquelle *lobishomem*.

Thereza — Sabes que mais, eu já estou farta de tua ladainha, até logo.

Sachristão — Espere ahi, sra. Thereza, eu tambem vou (*entram na capella conversando*).

SCENA XIII

VIGARIO E BARÃO

Barão — (*conversando*) Apesar de tudo isto, o que não resta duvida, sr. vigario, é que a influencia do confissionario só tem servido para entregar os segredos alheios ás mãos clericas. Deus, si por acaso existe, facultou á humanidade o direito de preparar o seu destino.

Vigario — Perdão, sr. barão. O confissionario póde ser uma arma perigosa para o sacerdote que abusa de seu magisterio. Ha bons e maus em todas as classes. A propria justiça muitas vezes condemna os opprimidos e absolve os oppressores.

Barão — Si Deus, porém, como dizem, e como assevera a vossa egreja, conhece a consciencia de suas creaturas e vê, no intimo dos corações, os mais sombrios e occultos sentimentos, está bem claro que não é preciso um homem ajoelhar-se aos pés de outro homem para contar-lhe os seus segredos, para pedir e obter o perdão desse Deus, que entretanto, já sabe o que elle fez e o que ha de fazer.

Vigario — Engana-se, sr. barão. O homem que se ajoelha aos pés de um confessor, não faz mais do que satisfazer uma formalidade imposta pelos preceitos da humildade. Si nós na vida precisamos de um coração amigo para nelle depositarmos nossos sorrisos ou nossas lagrimas; si precisamos de alguém que nos ouça, que nos fale, que nos entenda; — porque não havemos de acreditar no sacerdote que, inspirado pelo dever e reconhecido por sua honestidade, nos póde servir de dedicado amigo? Deus conhece as creaturas, mas concedeu-lhes a razão para que ellas comprehendessem o bem e o mal.

Barão — Logo, supponhamos, eu, que pela sua theoria estou no pleno direito de escolher este ou aquelle caminho, só tenho que sujeitar-me ás inconveniencias que me resultem daquelle que seguir. Por exmplo, eu não acredito na egreja; repillo suas doutrinas; não quero reconhecer a existencia de Deus; procedo como entendo; e lá num bello dia, depois de commetter muitas faltas, ou mesmo crimes, caio gravemente doente, e, receioso da morte e acobardado pela duvida, não me dirijo ao confissionario, porem mando chamar um sacerdote. Confesso-me, ou por outra, conto-lhe minha vida intima. Este me perdôa, como é natural, e eu, apezar de não crer, posso ir direitinho para o reino do céo.

Vigario — Então v. ex. julga que um criminoso, pelo facto de ajoelhar-se aos pés de um sacerdote, está perdoado? O verdadeiro perdão só produz o seu effeito real quando é supplicado pelo arrependimento; quando o remorso apunhala o coração; quando é preciso o balsamo da crença para cicatrizar as feridas dalma; quando é necessario o lenitivo da fé, para suavisar as dôres da consciencia. E' preciso a crença, que ninguem pode dar, que não ha dinheiro que a compre neste mundo! Felizes os que crêm em Deus!

Barão — Si é que Deus existe!...

Vigario — Existe, sim, existe. Ah! não crer em Deus, é a fatal desgraça do seculo; é o principio de todos os vicios; a causa unica destes monstruosos crimes de todos os dias, fazendo do homem, creado para o amor e para o bem, uma fêra sanguinaria! Ah! torpes ambiciosos, que abandonaes o trilho da honra e do dever, tornando-vos indignos da realza da creação, tremei, tremei, porque no ultimo degráo do peccado humano, espera-vos a justiça de Deus!

SCENA XIV

OS MESMOS, O GENERAL, HELENA, ALVARO, THEREZA E  
DEPOIS O SACHRISTÃO

General — Ainda continuam na discussão?

Barão — Creio que, finalmente, chegamos a um accordo, sr. general. Não é verdade, sr. Vigario?

Vigario — V. ex. o diz.

General — Ainda bem.

Vigario — Ainda bem, sim, sr. general. O sr. barão continúa com suas theorias de livre pensador e eu com as minhas crenças de velho sacerdote....

Helena — Agora, meu pae, que já visitamos a capella e fizemos nossa romaria, vamos incumbir o sr. Vigario do que já combinamos.

Alvaro — (*consultando o relógio*) Mesmo porque pouco falta para onze horas.

General — (*consultando tambem o relógio*) E' verdade, é occasião (*para o vigario, entregando uma sobrecarta*) O sr. vigario queira ter a bondade de distribuir esta pequena lembrança entre seus pobres orphãos, ou applical-a no que julgar mais conveniente.

Vigario — (*recebendo*) Oh! sr. general, deixe-me beijar-lhe a mão, agradecido, em nome destas pobres creanças (*beija-lhe a mão*).

Helena — E' a promessa de que lhe falei ha pouco na capella.

Alvaro — E que a cumprimos de todo coração.

Barão — (*á parte*) Ah! grande parasita...  
General — E agora, sr. Vigario, peça bem

a Deus pela felicidade de Helena, que bem a merece...

Barão — E que sem duvida ha de tel-a.

Alvaro — Diz bem, sr. barão, ha de tel-a.  
(*entra o sachristão*)

Barão — (*para o Vigario*) Eu tambem quero encarregal-o de (*abrindo a carteira e tirando uma nota de banco, que entrega ao Vigario*) entregar esta pequena offerta ás suas creanças.

Vigario — Acceito, sr. barão: o obulo da caridade é sempre um conforto para a miseria.

General — Generoso coração!... Millionario até na caridade!...

Alvaro — (*á parte*) Faria isto o barão para humilhar-me? (*alto*) Sr. Vigario, si eu algum dia puder, farei por estas creanças o que só pode fazer um irmão, porque tambem sou orphão.

Vigario — Basta tua vontade. Não é a importancia da esmola que justifica a pureza das intenções.

General — Bom, sr. Vigario, até a primeira vista.

Vigario — Obrigado, sr. general. Adeus, Alvaro; adeus, menina Helena; passe bem, sr. barão; Deus os acompanhe.

Thereza — Adeus, sr. Vigario (*beija-lhe a mão—saem todos pela E. A.*)

Vigario — Vae apagar as velas, Malaquias; fecha a porta e traze-me a chave (*sachristão obedece.*)

### SCENA XV

VIGARIO SÓ E DEPOIS O SACHRISTÃO

Vigario — (*dirigindo-se ao Cruzeiro*) Ah! meu Deus, meu Deus, os Teus arcanos são inson-

daveis! Desce o homem até o crime, pelo caminho do erro e do peccado, nada o detem; cego pela ambição, hallucinado pela vaidade, quantas e quantas baixezas não commette para satisfazer os seus caprichos?!... Emquanto os pobres e os desgraçados curvam-se diante de Teu poder e ouvem Tua palavra unvida de amor, de consolação e piedade, aquelle homem, que é rico, que é poderoso, se esquece de Tua grandeza e duvida de Tua propria existencia!... Vamos, quem sabe lá o que se passa em sua consciencia!...

Sachristão — (*entrando*) Aqui tem as chaves sr. Vigario.

Vigario — Bem, agora podes ir; olha, re-commenda lá á minha irmã que me guarde o almoço, eu já volto.

Sachristão — Sim senhor, sr. Vigario (*sae pela D. B. e o Vigario pela E. A. — depois de inclinar-se perante o Cruzeiro*).

### SCENA XVI

LUCIA E MATHEUS

Lucia — (*entrando pela D. A. — pobremente vestida, amparando-se no braço de Matheus e caminhando com esforço*) Ah! não posso mais, meu bom amigo; a fome, o sol e o cansaço, vão lentamente me matando. Desde madrugada que caminhamos.

Matheus — Diz-me, porem, uma coisa cá por dentro, que em breve chegaremos ao fim do caminho (*senta Lucia nos degraus do Cruzeiro*).

Lucia — Ha dezenove annos, que estamos sempre a dizer isso...

Matheus — E' verdade; mas esta vida levada dos diabos ha de acabar-se por força. Desta vez eu sou capaz de apostar que havemos de melhorar de condição.

Lucia — Continuando a pedir esmolas, Matheus ?

Matheus — Não senhora. Esta cidade é muito grande e eu ainda tenho forças para trabalhar. Nos outros logares por onde temos andado, a coisa era peor, porque os logares eram pequenos e miseraveis; mas aqui muda tudo de figura. O peor é que a senhora está tão fraca que não pode mais dar um passo

Lucia — Sim, eu já não posso andar. O nosso destino é pedir esmolas, atravessarmos o mundo, assim como uns condemnados, estendendo a mão á caridade publica.

Matheus — E tudo isto só por cousa daquelle homem!...

Lucia — E si não fosses tu, Matheus, si não fosses tu, que seria de mim desde aquelle momento em que, depois do abandono de meu marido, me offereceste o generoso amparo de teu braço? Depois...

Matheus — Ainda me lembro como si fosse hoje. Era um dia de Natal. Os rapazes lá do garimpo tinham me dado uns brilhantes que eu juntei com os meus; então fui procurar seu marido para vendel-os porque um compadre meu deu-me boas informações a respeito delle. Fiquei de voltar na vespera de Anno-Bom; quando voltei achei a sua casa vasia; fiz perguntas á vizinhança e me responderam que a senhora estava no hospital e que seu marido tinha fugido. E quando eu fui para fóra contar aos rapazes que tinha sido roubado, elles responderam,

desconfiados de mim: *Queremos o nosso dinheiro, o nosso sangue, o nosso trabalho; vae procurar esse homem que te roubou, e si não trouxeres o nosso dinheiro ou as nossas pedras, serás tu o unico ladrão* — Mas eu não roubei nada, gritava eu, aqui está a prova, aqui está o papel que o homem deu. — *Historias*, responderam elles, o sr. engenheiro já disse que este papel não vale nada. — Eu fiquei como um doido, minha senhora, puz o pé no caminho e corri ao hospital para falar-lhe, para saber alguma noticia de seu marido.

Lucia — Bem me lembro disso, meu bom amigo; eu nada sabia para dizer-te, e tu voltaste, foste accusado, denunciado por teus companheiros e condemnado a dez meses de prisão!

Matheus — E' verdade, lá gramei dez meses, que me pareceram dez annos! E durante este tempo, a senhora, apezar de fraca e doente, trabalhava para ganhar algum dinheiro que me matasse a fome. E foi por isso que eu jurei ajudal-a a procurar seu filho, enquanto que eu, por minha vez, procuro o tal vendedor de brilhantes!...

Lucia — Ah! mas não pensemos mais nesta infeliz historia que sempre estamos a lembrar...

Matheus — Sim, tem razão, minha senhora; agora o que precisamos é de coragem. O passado já nós sabemos o que foi.

Lucia — E o futuro que será?

Matheus — Só Deus póde saber...

Lucia — Que será feito de meu filho? Que será feito de Thereza, daquelle boa mulher? Nem ao menos tenho a consolação de saber si elles existem...

Matheus — O que não resta duvida é que si elles existem, nós podemos encontral-os de

um momento para outro; não é coisa lá do outro mundo. Olhe, enquanto eu tiver vida hei de fazer o que prometti—acompanhar sempre a senhora. Acredite que vou até o fim do mundo si for preciso.

Lucia — Obrigada, meu amigo, muito obrigada.

E' preciso não descrever de Deus; mas já tenho soffrido tanto, tanto, que ás vezes chego até a duvidar! (*levanta-se amparada em Matheus*) Mas é preciso crer, é preciso ter fé! (*ajoelhando-se aos pés da Cruz*) Perdão, meu Deus! Perdão! Tu que sabes as dores que tem soffrido o meu coração dilacerado; Tu que vês as lagrimas de sangue que tenho derramado a procurar meu filho; Tu que és bom, que és piedoso, que és Pae — lembra-te de que eu sou mãe! (*acaba a prece entre soluços*).

Matheus — Vamos, minha senhora, vamos.

### SCENA ULTIMA

OS MESMOS E O VIGARIO

Vigario — (*dirigindo-se a' Lucia*) Que fazes ahí, minha filha?

Lucia — Peço a Deus conforto e resignação, padre.

Vigario — E Deus ha de ouvir-te, minha filha, porque Deus sempre ouve a prece dos infelizes! (*dirigindo-se a Matheus*) E tu que fazes, irmão?

Matheus — Peço uma esmola para mim ou para esta desgraçada.

Vigario — (*dando-lhe uma esmola*) E donde vens?

Matheus — Eu nem sei mais...

Lucia — Ha dezenove annos que caminhamos.

Vigario — E vivem unicamente de esmolas?

Matheus — De esmolas...

Lucia — E de incertezas..... procurando inutilmente.

Vigario — E quem procuras?

Lucia — Meu filho, meu filho, padre!

Vigario — Teu filho... mas então abandonaste teu filho, infeliz?

Lucia — Não, padre, eu é que fui abandonada por meu marido num hospital, e não sei o que é feito de meu filho, que desapareceu!...

Vigario — Tu tens fé, tu crês, não é assim?

Lucia — Oh! sim, creio... creio...

Vigario — Pois bem; vae tranquilla, que encontrarás teu filho.

Lucia — Meu filho! Ah! eu vou encontrar meu filho?!... Mas onde, padre, onde?... Responda: quem me restituirá meu filho?...

Vigario — (*descobrimdo-se e apontando para a Cruz*) Deus! ... (*Cae o panno lentamente*).

## VISTA DE BOSQUE

*A E. B. um chalet com porta communicavel para o interior — residencia do barão. Junto a' porta um banco de ferro.*

### QUARTO ACTO

# O ENCONTRO

#### PERSONAGENS

Barão Cezar de Montebello  
Alvaro  
Lucia  
Mathens  
Creedo

#### SCENA I

Barão (só)

(*Dirigindo-se para o chalet*). Duas horas mais, e terei conseguido realizar os meus planos, graças á minha intelligencia, que tem trabalhado com a pertinacia de um espirito de ferro! Minha posição attrahiu a confiança do general. Helena é que, ápezar de toda minha solícitude, ainda se mostra de gelo; mas isto que importa? O amor é uma asneira dos vinte annos; e essa asneira me custou bem caro. Na minha idade se conhece bastante quanto vale o mundo! A felicidade não é mais do que a satisfação de nossos desejos; e por mais que tu, sociedade hypocrita e ambiciosa, pregues a tua velha moral, exhortando umas tantas banalidades, o ouro, o poderoso senhor da humanidade, ha de ser sempre o ouro!.. Sim, depois de tantas luctas e miserias, encontrei, graças á boa fé de um estúpido, a chave milagrosa da fortuna! Então atravessei corajoso e resolutto todas as villas e cidades. Adquiri, por meio de audaciosos planos, todas as commodidades e prazeres da vida! E quando a incerteza me fazia tremer, receiando que de um momento para outro surgisse diante de meus olhos o terrivel espectro do passado, eu procurava informações; mas todas as pesquisas foram

inuteis. Soube apenas que minha mulher, depois de algum tempo de hospital, se havia affastado para logar desconhecido em companhia de um homem. A pobre rapariga tratou de arranjar a vida da melhor forma que poudo. Quanto ao filho, este, ou morreu ou ficou em companhia da Thereza, que por sua vez tambem foi arranjar a vida. O peor é que por mais que eu queira esquecer-me do passado, sou forçado a lembrar-me delle todas as vezes que vou á casa do general, pela coincidência do nome da creada ser igual ao daquella rapariga. Isto não passa, porém, de uma coincidência de nome. Thereza deve ter sido esmagada pela miseria!

Lucia, si ainda existe, nada poderá fazer. E quando o inferno a collocasse por um acaso diante de meus olhos, nada poderia fazer contra mim. O seu crime de adulterio e a minha posição, seriam armas bastante poderosas para eu aniquilal-a. Depois, que poderei receiar? Não uso meu proprio nome, possuo a couraça da opulencia, e a verdade nos labios de minha mulher seria para a sociedade uma calumnia atirada contra mim! Duas horas mais, e minha felicidade será completa! (*entra no chalet*).

## SCENA II

Alvaro (só)

(*Em trajos de viagem*) Deus queira que o barão esteja em casa. Soffro cruel desespero que me despedaça o coração! Vou falar-lhe com toda franqueza.... contar-lhe meu amor por Helena... e estou certo de que o barão me attenderá. Sim, appello para nossa amizade,

jurada naquelle momento fatal em que nos salvou a vida. Vamos, é preciso ser franco; é preciso tranquillisar o espirito (*tirando uma carta do bolso*). Mal acabei de receber esta carta, corri como doido e embarquei-me. Porque, porém, Helena não disse-me, antes de minha partida, que o pedido do barão fôra feito por occasião de nossa romaria á capella? Eu podia ter declarado ao barão minhas intenções, a esperança do meu futuro, os sonhos de minha felicidade; mas não, nada me disse, tudo me occultou; receiou que eu não partisse, que desobedecesse ás ordens do general; e só nos ultimos dias, prestes a realisar-se este casamento, é que me escreve participando tudo que antes, pessoalmente, me devia ter contado! Vim, abandonei minha formatura!

Que não dirá de mim o general, quando souber que cheguei? E porque não lhe confessei eu em tempo este nosso amor? Porque deixei o pobre homem confundir com uma amizade de irmãos uma paixão de noivos?!.. Ah! insensato que fui!

E si o barão não acceder ao meu pedido?

Que poderei fazer, então, eu, que não passo de um abandonado? E em casa do general que ninguem sabe ainda de minha chegada? (*resoluto*) Vamos, vamos, deste sacrificio depende meu futuro! (*dirige-se para o chalet e encontra-se com o barão, que sae casacalmente vestido*).

## SCENA III

BARÃO E ALVARO

Alvaro — Ah! sr. barão.... (*aperta-lhe a mão*).

Barão — O senhor... por aqui... em trajos de viagem?!

Alvaro — E' verdade, meu amigo, e eu nem sei como principar a dizer a v. ex. o que desejo (*dando-lhe a carta*); mas esta carta explicará tudo.

Barão — Esta carta? Que significa isto? Si é realmente de legitimo interesse para um de nós a leitura desta carta (*apontando para o banco*) neste caso sentemo-nos e tenha a bondade de lê-la (*sentam-se*).

Alvaro — Agradeço a v. ex. a fineza de ouvil-a (*lendo*) «*Meu querido noivo*».

Barão — Seu querido noivo!... De quem é esta carta, senhor? Provavelmente de alguma apaixonada! Ah!... ah!... ah!... Já sei; quer que eu interceda pelo senhor junto ao general... Eu conheço bem estes idyllios, ou por outra, estas amabilidades...

Alvaro — Perdão, sr. barão, esta carta é de Helena...

Barão — Heim?... como?... de Helena?... Então deve ser dirigida a mim. Como foi, portanto, parar ás suas mãos?...

Alvaro — Queira ter a bondade de ouvil-a, v. ex.

Barão — Pois não! Palavra de honra que estou achando isto muito interessante...

Alvaro — (*lendo*) «*Sim... meu noivo devo chamar-te, porque meu coração ainda guarda o juramento que te deu diante daquella cruz. Acredita-me, Alvaro, que não te disse, na vespera de tua partida, o que vou contar-te nesta carta, só porque tive medo que desobedecesses a's ordens de meu pae, sacrificasses teu futuro e deixasses de partir*».

Barão — (*cynicamente*) Muito bem!.....  
Muito bem!... Continue...

Alvaro — «*Por ocasião daquella romaria que fizemos juntos, o barão Cezar de Montebello pediu-me em casamento a meu pae. No mesmo instante meu pae participou-me este pedido, e, apesar de minha indiferença, de meu silencio e do meu desprezo, meu pae declarou-me formalmente que tinha comprometido sua palavra e que eu seria esposa do barão. Estou certa de que este casamento é simplesmente por causa de meu dote. Meu enxoval está sendo feito a's pressas e minha sentença está lavrada para o dia 23 do corrente! Alvaro, meu querido noivo, é preciso impedir a realisação deste casamento. E si a Providencia desamparar-me, então a morte me dará refugio para evitar esta dolorosa oppressão. Vem, Alvaro, vem.— Tua Helena*».

Barão — Nada mais?

Alvaro — Nada mais.

Barão — E então?...

Alvaro — Já sabe v. ex. o motivo de minha chegada. V. ex. que, por extrema fidalguia de coração, affrontou aquelle medonho perigo que nos ameaçava e nos salvou a vida do poder daquelles miseraveis bandidos; v. ex., que é rico e feliz, que pode satisfazer todos os seus desejos, que pôde realisar todos os seus caprichos — nos dê a unica prova de sua dedicação desinteressada.

Barão — Mas explique-se de uma vez, senhor!...

Alvaro — Creanças ainda, eu e Helena viviamos protegidos pelo mesmo tecto, affagados pelo mesmo carinho, defendidos pelo mesmo braço. Tivemos os mesmos sonhos de infancia,

as mesmas esperanças de mocidade... E quando nossos corações começaram a palpitar, sentindo as suaves emoções de um affecto estranho... ainda sonhámos os mesmos sonhos, alentámos as mesmas esperanças.

Barão — Perdão, senhor, bato palmas á sua eloquencia e gostaria immensamente de continuar a ouvir-o, si já não estivessemos a 23 do mes (*consultando o relógio*) e quasi ás 2 horas da tarde. Previno-lhe que o general espera-me ás 3. Queira sem mais preambulos dizer o que pretende de mim, que ainda não sei...

Alvaro — Venho pedir a v. ex., sr. barão, que não desmoro-me meu futuro, que não aniquile minha felicidade...

Barão — E que quer que eu faça para não aniquilar esta sua tão decantada felicidade?

Alvaro — Que desista desse casamento.

Barão — Ah! ... ah! ... ah! ... Desistir desse casamento? !.. Ah! .. ah! ... ah! .. ah! ..

Alvaro — Não ria-se, sr. barão, não escarneça...

Barão — Na verdade o senhor é mais leviano, é mais imprudente do que uma creança. Salvei-lhe a vida, restitui ao general a sua filha, talvez no momento em que ia ser maculada por aquelles covardes; o general, para dar-me uma prova de sua gratidão por esse duplo favor que lhe prestei, concedeu-me a mão de sua filha, e o senhor...

Alvaro — Amo-a, senhor, amo-a desde creança... (*Lucia e Matheus apparecem no fundo; param e ouvem todo o dialogo*).

Barão — E que tenho eu que ver com esta historia infantil? A fortuna inteira do general não póde entrar em parallelo com a minha opulencia, que colloca-me acima de qualquer suspeita de ambição. Meus honrosos titulos e minha

elevada posição social, me dão o direito de fazer a felicidade de Helena. Figuremos uma hypothese. Si eu desistisse desse casamento e o sr. Alvaro, depois de ter obtido um titulo de bacharel, conseguisse effectual-o, responda-me: não coraria de vergonha quando visse diante de seus olhos o dote da filha do general, não podendo o senhor dar-lhe, em troca, nem, pelo menos, o nome de seus paes?!...

Alvaro — Oh! mas isto é horroroso! Que sociedade baixa e vil é esta em que vivemos, que despreza os sentimentos puros, curva-se diante do poder do ouro, e escarnece dos que se elevam á custa da honra e do trabalho?!... O nome de meus paes!... Ah!... não os conheço, sr. barão; mas que culpa tenho da baixeza de meu pae e da infelicidade de minha mãe?!...

Barão — E' simplesmente um abandonado, um engeitado! Conquistaste todos os titulos que puder com o seu talento; não serão nunca bastantes para resgatar a infamia de seus paes!

Alvaro — (*com indignação*) Senhor barão..

Barão — O stigma de engeitado ha de acompanhá-lo por toda parte: veiu do berço ha de ir até a sepultura! Em todo lugar em que o senhor achar-se, será por todos apontado como tal, e a sua propria consciencia lhe gritará que não tem o direito de andar de frente erguida perante a sociedade! Veja bem, senhor, a grande, a enorme distancia que nos separa!

Alvaro — E' a mesma que separa um homem de brio, que á custa do esforço de sua intelligencia trabalha para conseguir um futuro honrado, de um desconhecido cujo passado é um mysterio e cuja fortuna ninguem sabe de onde provem!

Barão — Pelo que vejo, o sr. pretende

insultar-me com estas palavras banaes? Ora deixe-se de loucuras!... Pense, reflecta no quanto me deve e acalme-se um pouco. O senhor tem seus idéaes... eu tenho meus caprichos... O senhor procura melhorar de condição; é muito justo, é muito louvavel, mesmo natural; mas é preciso convir que eu estou em condições que o senhor nunca pode imaginar. Ora, raciocinemos: si o senhor, não possuindo sinão o *amor, o amor*, pensa fazer a felicidade de Helena, que não poderei fazer eu na posição em que estou?...

Alvaro — Tudo, senhor, tudo, menos sua felicidade!...

Barão — Historias... O dinheiro, meu caro, seja por que meio fôr obtido, é sempre o dinheiro: vence barreiras, esmaga sacrificios, compra consciencias, faz até milagres!...

Alvaro — Sim, compra as consciencias dos miseraveis e consegue arrancar para os proprios galés os titulos de honra que deviam pertencer unicamente aos homens de bem.

Barão — (*consultando o relógio*) Duas horas!... Repito-lhe, senhor, que o general espera-me com a sua gentil filha... Helena, a futura baroneza de Montebello, deve de estar anciosa por minha chegada...

Alvaro — Bem; sei o que me resta fazer...

Barão — O que lhe resta fazer?!... Si não fosse indiscrição de minha parte, perguntar-lhe-ia...

Alvaro — E eu responder-lhe-ia, sr. barão, que Helena fará o que disse em sua carta. Quanto a mim, procurarei bem longe esquecer os rigores de meu destino cruel. No dia, porém, em que o general contemplar nos braços o cadaver de sua querida filha, e tiver noticia do abandono daquelle que lhe serviu de filho, nesse dia então,

sr. barão, v. ex. poderá rir sobre os destroços da felicidade de uma familia, arruinada por sua infernal ambição!...

Barão — Ah!... ah!... ah!... ah!... ah!...  
Então está com projectos de viagem?

Matheus — (*a' parte*) Aquella vóz não me é desconhecida... (*retira-se com Lucia*).

Barão — (*continuando*) Faz muito bem; dou-lhe os meus parabens, os meus sinceros parabens por esta esplendida lembrança!... E como é natural que não nos encontremos mais, faço desde já minhas despedidas, convicto de que o senhor é um rapaz de juizo. (*Estendendo-lhe a dextra*) Adeus e seja feliz com os seus novos amores... (*encaminhando-se para o chalet*) Ah!... ah!... ah!... ah!... (*voltando-se*) E' verdade, sr. Alvaro, ia me esquecendo de perguntar-lhe: deseja que occulte ao general a sua chegada? Bem vê que preccuro ser-lhe agradavel...

Alvaro — Será esta a ultima fineza, senhor...

Barão — (*completando a phrase orgulhosamente*)... barão Cezar de Montebello!... (*entra no chalet*).

#### SCENA IV

Alvaro (*só*)

(*Deixando-se cair desanimado no banco*)

E eu que não esmaguei esse homem!... E eu que ouvi com o desespero nalma todas suas palavras, todos seus insultos!... Que força, porém, estranha, que poder mysterioso foi esse que deteve meus impetos de colera, que enfraqueceu minha raiva?!... (*dirigindo-se para a porta por onde entrou o barão*) Vae, vae alcançar tua victoria, ao tempo em que eu parto, levando

a morte nalma e lançando sobre tua cabeça a minha maldição! (*vae sair e encontra-se com Lucia e Matheus que entram*).

SCENA V

ALVARO, LUCIA E MATHEUS

Lucia — (*impedindo-lhe o passo*) Uma esmola pelo amor de Deus!...

Alvaro — (*procura nervosamente algum dinheiro*) Uma esmola? Ah! sim... pobre mulher! Aqui a tem (*dá-lhe uma esmola e a Matheus igualmente*).

Matheus — Bem vê o senhor que este mundo é cheio de infelizes...

Alvaro — Sim, sim, já sei que ha muitos infelizes no mundo; mas adens, adeus!...

Lucia — Meu senhor, por compaixão, escute-me um momento. Perdoe-me, mas eu sei a causa de seu desespero; casualmente por aqui passamos e sem querer ouvimos tudo quanto se deu entre o senhor e aquelle homem que alli entrou. Ah! o senhor é um moço de sentimentos nobres! Creia-me que só por isso eu já o estimo tanto, como si fosse meu proprio filho!...

Alvaro — Muito obrigado; mas eu tenho pressa, tenho...

Lucia — (*interrompendo*) Tenha paciencia, por Deus! O senhor é moço, forte, deve ter coragem. O exemplo das desgraças alheias é um conforto para as nossas proprias desgraças. Ao senhor tiram a noiva; a mim tiraram meu filho.

Quando, depois de abandonada, procurei a pobre mulher que ficou ao lado de meu filho,

soube unicamente que tinha mudado de terra no dia seguinte ao em que fui para um hospital!

Alvaro — Apezar do quanto soffro agora, creia que me desperta compaixão. E' que o meu passado tambem é de lagrimas, de miseria... E que foi feito de seu filho?

Lucia — Não sei, senhor; perdi o rasto dessa mulher, e ha muitos annos que soffremos todas as miserias... eu e este pobre amigo, que jurou acompanhar-me na desventura; mas silencio que ouço passos. Senhor, affastemo-nos por emquanto; preciso pedir uma esmola.

Alvaro — E' provavelmente o barão que vae sair (*a' parte*) Porque não hei de tentar mais um esforço?...

SCENA VI

OS MESMOS E O BARÃO

Barão — (*apparece prompto para sair — reparando em Alvaro*) Oh! o senhor ainda está ahi?!...

Alvaro — Descanso para partir, sr. barão.

Barão — Então sente-se, esteja á sua vontade; si prefere entrar, creia que esta casa é sua..

Alvaro -- Obrigado...

Lucia — (*dirigindo-se ao barão*) Uma esmola pelo amor de Deus!...

Barão — (*com desprezo*) Qual esmola nem meia esmola; vá trabalhar que é melhor...

Lucia — (*reconhecendo o barão e expedindo forte grito de dor*) Elle!... Ah!...

(*vacilla e cae desfallecida nos braços de Matheus — Alvaro corre a soccorrel-a e os dois conduzem Lucia para o banco*).

Barão—(*contemplando o grupo de longe*)  
O mundo é assim: Emquanto uns choram, outros riem; enquanto uns caem fulminados pela miseria, outros se erguem protegidos pela opulencia; enquanto uns encontram a sepultura pelo tal *caminho da honra*, outros acham alegrias, felicidade suprema até nos derradeiros degraus do crime! E creia-se na decantada Justiça Divina! Ah!... ah!... ah!... ah!... ah... (*sae*)

### SCENA ULTIMA

LUCIA, MATHEUS E ALVARO

Lucia—(*tornando a si*) Matheus, onde está elle? Não o viste, não o reconheceste?...

Alvaro — Que é isto, que tem?...

Lucia — Que é isto? Que tenho? E' que acabo de ver diante de meus olhos o phantasma do passado! Não é sonho, não é illusão.... eu não souho, eu não deliro...foi elle, Matheus, foi Renato que eu vi!...

Matheus — Aquelle maldito?.... E' elle. Oh! en bem que estava reconhecendo aquella voz!...

Alvaro — (*reparando*) Renato? Não, a senhora engana-se. Aquelle homem é o barão Cezar de Montebello.

Lucia — Barão Cezar de Montebello?.... Não, não póde ser. Aquelle homem é Renato!

Matheus — Tem razão, sim, é elle. Com todos os diabos, eu sou capaz de jurar que é elle.

Alvaro — E quem é esse Renato?...

Lucia — E' o miseravel que me tem feito chorar e soffrer durante vinte annos! Que aban-

donou-me, que abandonou meu filho, que lançou-me á miseria e acaba de negar-me a esmola!

Matheus — E que me roubou, que me fez passar por ladrão, por quem estive dez meses no fundo de uma cadeia e de quem jurei vingar-me! E' o homem a quem procuro tambem ha perto de vinte annos e que, finalmente, encontrei!

Alvaro — Então elle é?...

Lucia — Meu marido!

Alvaro — Seu marido?!...

Matheus — Sim, seu marido.

Alvaro — Ah!... mas então a Providencia não desamparou-me! Então aquelle homem não póde effectuar este casamento.

Matheus — Não, não póde; é um crime, é uma infamia!

Lucia — Sim, é uma infamia! Eu sou sua legitima mulher; é preciso impedir quanto antes.

Alvaro — Vamos, vamos, não percamos tempo. O general, aquelle que me tem servido de pae, está prestes a ser deshonrado! Vamos, vamos salva-o; mas venham, por piedade, emquanto é tempo! E' a felicidade que me foge e que eu preciso alcançar.

Matheus — Vamos, vamos.

Lucia — E que em paga dessa felicidade, senhor, Deus me restitua meu filho!

(*Saem todos apressadamente e cae o panno*).



QUINTO ACTO

A LOUCURA

PERSONAGENS

General Roberto d'Avila  
Helena  
Alvaro  
Barão Cezar de Montebello  
Lucia  
Mathews  
Juiz  
Escrivão  
Thereza  
Um convidado  
Convidados, etc.

CASA DO GENERAL

*Salão de baile. A. D. A. pequena mesa com  
utensilios de escripta*

SCENA I

General (só)

(*Calçando as luvas*) Até que afinal vae descansar meu espirito! A lembrança de que eu poderia morrer de um momento para outro, deixando Helena solteira, de posse de bonita fortuna, mas completamente desamparada, era o meu doloroso receio. Solteira, e com 19 annos, apenas, estou certo de que não faltariam pretendentes á sua mão, sedusidos todos por seu dote. A Providencia, porém, incumbiu-se de desfazer os meus bem fundados receios. O barão é homem de todo conceito, distincto cavalheiro, verdadeiro fidalgo. O peor é que estou um tanto contrariado. Helena não devia ter deixado para depois de haver eu compromettido minha palavra, o que ha mais tempo devia ter-me dito. Pois eu podia lá suppor que Alvaro tinha intencões differentes das que eu julgava ter?!..... Podia lá adivinhar que o rapaz amava minha filha e que minha filha, por sua vez, tinha suas inclinações por elle?!... Criei-o como filho; sempre viveram juntos como irmãos; nunca surpreendi-lhes uma palavra que pudesse despertar-me semelhante pensamento. E' verdade que o dono da casa quasi sempre é o ultimo que encherga. O barão, homem pratico e prevenido, quiz abrir-me os olhos. Appellou, como prova de suas suspeitas,

para aquelle colloquio da capella; mas eu puz-me a pensar e cheguei a convencer-me de que aquelle beijo foi verdadeiro beijo fraternal; tanto mais, dado, como foi, diante de Thereza. Agora disto tudo o culpado fui eu unicamente. Eu devia ter sido mais reflectido na occasião em que o barão pediu-me a mão de Helena; devia exigir-lhe algum tempo para responder definitivamente; e não ter de prompto resolvido, como resolvi, sem consultar o coração de minha filha. E' verdade que ella não sympathisou com o barão á primeira vista; mas tambem é verdade que elle sempre a tem cercado de attentões, e minha filha já deve estar convencida de que este casamento é um bom partido para ella. O mais são illusões da mocidade, phantasias dos 19 annos. (*Helena apparece triste e pensativa — o general reparando*) Ah! ella abi vem. Bravo! Isto é que é mesmo uma filha de general!

## SCENA II

GENERAL E HELENA (*vestida de noiva*)

Helena — Então, meu pae, está satisfeita com sua filha?

General — Tu nem imaginas como estou com o coração a dar pulos de contente. Tenha a bondade de sentar-se, futura baroneza de Montebello....

Helena — Futura, diz muito bem, meu pae.

General — Eu disse futura porque ainda não estás casada; mas em breve...

Helena — Muita coisa póde succeder.

General — Ora fala-me de outra maneira; nunca aprendi a decifrar enigmas. Que poderá

acontecer em breve sinão a realisação do teu casamento?... Ou tu ainda estás com a cabeça cheia de tolices?... Helena, minha filha, bem sabes que minha unica ambição neste mundo é preparar e garantir tua felicidade. Já não tens mãe e eu estou velho... O dia de amanhã causava-me grandes receios. Alvaro ainda é uma creança; vae começar agora a ter experiencia da vida.

Helena — E meu pae escreveu-lhe participando o dia do meu casamento?

General — Estive a pensar muito nisto; afinal resolvi não dizer-lhe palavra a respeito, ao contrario; escrevi-lhe ordenando terminantemente que esperasse pelos dias que faltam para sua formatura, e que só voltasse quando estivesse tudo concluido.

Helena — Então Alvaro não vem?... (*a' parte*) E eu que lhe escrevi pedindo que viesse salvar-me?!...

General — Estou certo de que ainda desta vez elle ha de obedecer-me. Assim, poupo-lhe alguns dias de amargura, e quando aqui chegar combinaremos os dois o começo de sua carreira. Alvaro é rapaz de bellos sentimentos, avalia bem o quanto me deve, e tem dado provas de muita dedicação. No principio estou certo que ha de soffrer; porem depois ha de acostumar-se a olharte como a uma irmã, e a tranquillidade voltará de novo a seu coração.

Helena Creia, meu pae, que bastante tenho chorado e soffrido por não ter-lhe confessado em tempo meu amor por Alvaro; mas o receio de desgostar a meu pae, por elle ainda não ter posição na sociedade, obrigou-me a occultar-lhe a verdade, que eu esperava confessar-lhe assim que se formasse. Emfim, meu

pae, sua palavra está compromettida, e sua palavra vale mais que toda minha felicidade.

General — Só Deus sabe de que sacrificios serei capaz para alcançar tua felicidade.

Helena — Si eu fosse infeliz com este casamento, meu pae? (*levanta-se*).

General — (*levantando-se*) Si tu fosses infeliz com este casamento?... Oh! não, não!... Infeliz não!...

O barão é homem de sentimentos nobres, do que já nos deu grande prova, salvando-te a vida e a de Alvaro também, desinteressadamente e com o perigo de sua propria existencia, sem conhecer, siquer, aquelles a quem arrancava da mais infame aggressão! (*dando-lhe o braço e dirigindo-se para o interior*) Emfim, a convivencia... tu verás... tu verás... (*saem*).

### SCENA III

Thereza (*só*)

(*Entrando afflicta*) Ah! meu Deus, meu Deus!... Pois Tu consentirás que essa pobre creança seja assim sacrificada?!... Bem me dizia o coração que alguma coisa estava para acontecer. Desde a chegada desse homem nesta casa que tudo mudou! A alegria desapareceu do coração de Helena; Alvaro entristeceu também; parecia que adivinhavam o que vae realisar-se... E eu, que criei Alvaro como mãe! Eu, que apertei-o tantas vezes nestes braços, como a um proprio filho! Que daria minha vida, si possível fosse, por sua felicidade!... Eu, que o amo tanto, tanto—nada, nada posso fazer em sua defesa!... Não poder desmanchar este casamento!...

Por vezes tenho uma esperança, uma idéa me passa pela cabeça (*indecisa*); mas não, que loucura, não passa de uma semelhança e nada mais... (*resoluta*) Mas si fosse elle... si fosse aquelle homem de vinte annos passados?!... Si o barão Cezar de Montebello fosse Renato Villa-Verde?... Ah!... si fosse elle... (*desanimada*) Que poderia eu fazer, afinal, sendo, como sou, uma creada e sem saber de sua mulher?... Si fôr elle é porque Lucia está morta. Eu só poderia contar ao general as suas infamias; mas isto não seria bastante! (*desalentada*) Ah! pobre Alvaro, meu querido filho!... (*sae enchugando as lagrimas*).

### SCENA IV

BARÃO E HELENA

Barão — Que é mais necessario, que mais deseja para que eu lhe prove o meu grande amor? Pois não basta ter salvo sua vida e defendido sua honra?

Helena — E poucos dias depois exigiu bem caro de meu pae o preço desse serviço, não é verdade, senhor?

Barão — A senhora é por demais cruel... Duvida da maior prova de abnegação de hontem e escarnece da pureza do affecto de hoje.

Helena — Duvido, sim, duvido. Este affecto de que tanto fala, é filho unicamente da ambição. Fosse eu pobre, e em logar da pureza do seu affecto, teria a indifferença do seu orgulho.

Barão — Para que fala assim?... Exija um sacrificio de mim e reconhecerá então a sinceridade de minhas palavras.

Helena — E faria qualquer sacrificio, fosse qual fosse?

Barão — Fosse qual fosse; dou-lhe minha palavra de honra.

Helena — Sua palavra de honra?!...

Barão — Sim; ordene e será obedecida.

Helena — Pois bem: peço que renuncie a minha mão!

Barão—(a' parte) Eu já esperava por esta!  
(alto) Agora?!...

Helena — Já.

Barão — Perdão, minha senhora, agora é tarde! Seria um verdadeiro escandalo, que des-honraria o nome de seu pae.

Helena — Ah!... E' então assim que o senhor preza sua palavra de fidalgo, sua palavra de honra?!... O senhor não tem consciencia, não tem brio... é o ultimo dos homens...

Barão-- (ironicamnte) E v. ex. a primeira das noivas mais encantadoras que tenho visto...

Helena — Sua presença causa-me até repugnancia...

Barão — Depois ha de acostumar-se.....

Helena — Desprezo-o...(sae).

## SCENA V

### BARÃO E DEPOIS O ESCRIVÃO

Palavra de honra! Si não fosse a grande fortuna do general e ser esta rapariga filha unica, eu já teria mandado-a de presente ao diabo. O seu dote, porém, obrigou-me ao trabalho de preparar a cilada que preparei, arranjando um grupo de individuos para aggre-dit-a de repente, por occasião de um dos seus passeios matinaes, ao lado do Alvaro, do seu casto Romeu. O plano não podia ser melhor executado: distri-

buir os assaltantes, armados de punhal, para produzir melhor effeito; esconder-me na curva do caminho; aguardarem todos os seus postos para o momento combinado—foi obra de um segundo. Eil-os que apparecem.... aproximam-se ..... minha gente corta-lhes a retirada... dá o assalto ...o momento é desesperador... toda defesa inutil...surjo, então, de repente, como enviado pela Providencia, de revolver em punho; disparo quatro tiros para o espaço.... os assaltantes fogem em debandada... Alvaro e Helena estavam salvos...deviam-me a vida.... e o general sua eterna gratidão... Ah!... ah!... ah!... ah!... estupidos, attribuem á Providencia o que é feito pela mão do homem!...(vae sair e esbarra-se com o escrivão).

Escrivão — V. ex. é o noivo, o sr. barão, não é assim?

Barão — Que duvida ha nisso?

Escrivão — Ah! nenhuma, absolutamente nenhuma... Eu conheço logo perfeitamente as dintincções das pessoas. Si v. ex. quizesse vêr o discurso que eu preparei para improvisar depois que o sr. juiz acabar de falar!...

Barão — Olhe, amigo, agradeço muito a sua boa vontade; mas, com licença..(quer sair).

Escrivão — (impedindo) Mas olhe, excellentissimo (batendo no bolso). A coisa está aqui nos ouvindo...

Barão — Sim, mas eu tenho que fazer agora...

Escrivão — Mas é pequeninino, excellentissimo, um instantinho só. Olhe, (tira um grande maço de tiras de papel do bolso e começa a contar-as) Uma... duas... tres... (continúa a contar em voz alta até vinte e cinco. O barão sae sem ser visto pelo escrivão — este perde a

*conta das tiras, e pensando que o barão ainda o escuta exclama*): Oh! diabo, que me enganei! Desculpe-me, excellentissimo, eu vou contar outra vez (*dando pela ausencia do barão*). Heim?... Eu quando digo que não vale nada a gente ter talento nesta terra!... Mas aqui para nós, o discursosinho não está mau, e bem recitado faz um effeito bruto! Só o principio aqui da introdução é enorme! Eu vou ensaiar aqui o modo da leitura do prologo. (*lendo com enthusiasmo*) Silencio, estrellas!... Silencio, borboletas dos pampas!... Silencio, sombras das nebulosas da noite!... E vós, ó sabiás das azas douradas; e vós, ó palmeiras das campinas, com as vossas lyras de setim... (*arreatado*) Ah!... este pedacinho é que é mesmo enorme!... com as vossas lyras de setim, tocae o epitaphio do hymeneo!... (*arreatado de enthusiasmo*) Magnifico! Esplendido! Enorme!... Isto ha de fazer sensação por força! (*guarda o discurso, deixando cair algumas tiras, que apa ha assustadamente até a entrada de Thereza*).

### SCENA VI

ESCRIVÃO E THEREZA

Thereza — O sr. general manda chamal-o para tomar alguma coisa.

Escrivão — (*a' parte*) E eu bem preciso molhar a palavra (*alto*) Obrigado, vou já (*confidencialmente*) A senhora não imagina o immenso discurso que eu trago aqui (*apontando para o bolso*).

Thereza — (*a' parte*) Ainda mais este idiota!

Escrivão — A senhora quer ouvil-o?... Mas não diga nada a ninguem, não diga que eu vou falar... eu quero fazer uma surpresa de arromba!

Thereza — Eu quero lá saber de discursos, homem? Eu faço idéa do que ha de ser? (*vae sair, encontra-se com Helena*).

Escrivão — (*a' parte*) — O talento é assim... Basta olhar-se para as pessoas e vê-se logo a distincção do genio! Eu só não quero me esquecer do prologo! (*declamando*) Silencio, estrellas! Silencio, borboletas dos pampas!... (*sae*).

### SCENA VII

HELENA E THEREZA

Helena — Já estou prompta para o sacrificio, minha boa Thereza.

Thereza — E Alvaro que não vem!...

Helena — Elle que era minha derradeira esperança!

Thereza — E de que servia elle chegar? Que poderia fazer?

Helena — E' verdade, Thereza, que poderia fazer?

Thereza — Pobre Alvaro! Sem pae, sem mãe e sem noiva!

Helena — Mas tu lhe hás de contar, Thereza, a extensão do meu soffrimento! Has de dizer-lhe que Helena, a sua querida Helena, não foi mais do que a victima do dever. Para obedecer a meu pae, sacrifiquei meu futuro, aniquilei nossa felicidade e desfiz com uma só palavra todos os sonhos doirados do nosso amor, todas as alegrias do nosso coração! E si vires cair-lhe dos olhos uma lagrima, quando lhe contares o

desespero de minh'alma, dize-lhe que o nosso beijo de noivado foi o primeiro e derradeiro beijo que eu senti em minha fronte de virgem ! (*soluçando*). Si elle chorar...

Thereza — (*enchugando as lagrimas*) Oh ! basta ! Não se afflija tanto...

Helena — (*continuando*)... esconde o seu amargurado pranto em teu coração de mãe !

Thereza — E tudo por causa desse maldito homem !

Helena — Olha, minha amiga, porque tu és minha amiga, não é assim ?

Thereza — Ah ! si sou !...

Helena — (*tirando um anel do dedo e dando a Thereza*) Pois bem; toma este anel, guarda-o. Quando um dia Alvaro voltar, cheio de esperanças, crente do futuro e completamente esquecido do passado, entrega-lhe esta lembrança, a ultima prova de amor de sua infeliz Helena, que se casa para cumprir a palavra de seu pae, mas que em breve desaparecerá do mundo para não pertencer a outro homem ! Vamos daqui Thereza, não tarda o momento fatal !

Thereza — Pobre moça ! (*saem*).

### SCENA VIII

O GENERAL, O BARÃO, O ESCRIVÃO, ALGUNS CONVIDADOS E DEPOIS O JUIZ OS QUAES FORMAM GRUPOS ESPALHADOS PELA SCENA

Escrivão — V. ex. vae ver, sr. general, o que é uma peça oratoria !

General — (*massado*) Está bem, já sei...

Barão — (*para o general*) O juiz não deve tardar.

Juiz — (*entrando e cumprimentando o general e o barão*) Sr. general, sr. barão, bem vêm que sou pontual (*puchando o relógio e mostrando ao general*). Isto é que se chama pontualidade ingleza.

General — Estamos prompts; eu vou buscar Helena, com licença (*sae*).

### SCENA IX

OS MESMOS, MENOS O GENERAL

Barão — (*á parte*) Mais dez minutos e terei duplicado a minha fortuna !

Juiz — (*á parte*) Isto é que se chama um casamento de ouro !

Escrivão — (*á parte*) Daqui a dez minutos eu estou fazendo um figurão !...

### SCENA ULTIMA

OS MESMOS, GENERAL, HELENA, ACOMPANHADOS DE ALGUNS CONVIDADOS, THEREZA E DEPOIS ALVARO, LUCIA E MATHEUS

General — Meus senhores, podemos começar a cerimonia (*o juiz senta-se junto á mesa, ao lado do escrivão; Helena e o barão ficam de pé junto á mesa; o general ao lado do barão e a seu lado Thereza; os convidados espalham-se, occultando o fundo da scena*).

Barão — (*para Helena*) Até que emfim !

Escrivão — (*para o juiz*) Depois do acto, v. s. me dê a palavra.

General — (*para Thereza*) Vejo finalmente, realizados os meus desejos.

Juiz — (*para Helena*) Minha senhora, o nome todo de v. ex. é?... (*Alvaro, Lucia e Matheus entram imperceptivelmente*).

Helena — Helena d'Avila.....(*escrevão escreve*).

Juiz — (*para o barão*) E o de v. ex.?

Barão -- (*com orgulho*) Barão Cezar de Montebello.

Alvaro — (*rompendo o grupo de convidados*) Mente!

General — Helena e Thereza (*a um tempo*) Alvaro!...

Barão — Quem é o miseravel que ousa desmentir-me?

Alvaro — (*afastando Helena, que colloca-se ao lado de Thereza*) Eu!

General — Alvaro, tu aqui!

Helena — (*para Thereza*) Meu Deus, que succederá?!...

Alvaro — Sim, eu mesmo, sr. general!

Barão — (*a' parte*) E' preciso esmagar este homem.

General — Que significa isso, é assim que me obedeces?

Alvaro — Desobedecei ás suas ordens, para salvar a sua honra!

General — A minha honra?!...

Alvaro — Sim!

Barão — Este homem é um calumniador, um infame; mas tão vil e tão pequeno, que se esquece de que o barão Cezar de Montebello não pôde ser ferido por um desprezível engeitado!

Alvaro — Um engeitado, sim; mas um engeitado que vem arrancar a mascara de um aventureiro; um engeitado que vem salvar a honra daquelle que lhe serviu de pae; um engeitado que ha de elevar-se na sociedade á custa do

trabalho honesto, como sabem elevar-se os filhos do povo; um engeitado que nem sabe o nome de seu proprio pae; mas que tem vivido sem abusar da dignidade alheia, sem violar o santuario da familia, sem possuir um titulo adquirido, talvez, á custa de infamias e sem usar de um nome postigo!

Barão — Miseravel!...

Alvaro — (*dirigindo-se aos convidados e apontando o barão*) Sim, meus senhores! O grande, o orgulhoso, o opulento barão Cezar de Montebello, chama-se Renato Villa-Verde!....

Barão — Mente!

Thereza — (*para Helena*) Renato!.. Ah!.. está salva!

Alvaro — Sim, Renato Villa-Verde; o miseravel que abandonou, ha vinte annos, a desgraçada esposa no leito de um hospital, desprezando o seu proprio filho com dois dias de nascido!...

Barão — (*a' parte*) Ah!..... inferno! Eu preciso da vida deste homem!

Alvaro — E como todas estas infamias não bastassem, queria ainda commetter a ultima das baixezas! Meus senhores, este homem não pôde casar-se!

General — Alvaro, as provas de tudo isto?

Barão — Sim, as provas, quem pôde impedir meu casamento?

Matheus — (*rompendo o grupo de convidados*) Eu! Eu, que não quero que tu te cases, Renato Villa-Verde!

Barão — Tu?!... E quem és tu?!...

Matheus — Aquelle que ha vinte annos passados foi roubado por ti numa partida de brilhantes que te deu em confiança.

Barão — (*a' parte*) Matheus! (*alto*) Isto é

uma comedia degradante, sr. general. Chame os seus creados para deitarem na rua esta canalha ! Estes homens mentem !

Lucia — (*rompendo o grupo*). E eu tambem minto, Renato ?...

Barão — (*reconhecendo-a*) Ella !.. Lucia !. aqui !...

Thereza — (*reconhecendo Lucia*) Lucia !.. Lucia !.....

Lucia — (*reconhecendo Thereza*) Thereza !... Thereza !... Meu filho... meu filho... fala... dize... onde está meu filho ?.....

Thereza — Seu filho ?.. Eil-o... eil-o... (*indicando Alvaro*).

Lucia — (*abraçando-se com Alvaro*) Filho !... meu filho !...

Alvaro — Minha mãe !..... minha querida mãe !...

Helena — Sua mãe ? !... Ella ? !...

Thereza — Sim, ella...

Lucia — Graças, graças, meu Deus, que finalmente encontrei meu filho !

(*Durante este reconhecimento o barão começa a dar indícios de alienação*).

General — (*para Lucia*) Então aquelle homem, senhora....

Lucia — (*para o general*) E' meu marido ! (*para Alvaro*) E' teu pae !

Alvaro — Meu pae ! Oh ! fatalidade !.....

Helena — Seu pae !... Elle seu pae !.....

Thereza — Sim, seu pae !

General — (*para o barão*) Que responde a todas estas accusações, senhor ? Pois é tão covarde que não sabe defender-se ?

Alvaro — (*intercedendo*) Perdão, perdão, sr. general !

Agora eu não sou mais um engeitado. Filho

de dois infelizes, coube-me o doloroso legado de seus soffrimentos ! Reconheço as culpas que meu pae commetteu. Perdão ! Fui o primeiro a salvar a honra de sua filha ; é justo, sr. general, que eu defenda esse homem, que eu peça compaixão para sua desgraça, porque, por mais indigno que seja, por mais baixo a que tenha descido na escala social... este homem, em todo caso, é meu pae !

Barão — (*delirando*) Silencio, meus senhores....

General — Alvaro, tens a grande nobreza dalma ; mas é necessario que este homem saia de minha casa (*para o barão*) Vamos, senhor, saia ! (*apontando-lhe a porta*).

Helena — Meu pae !

Alvaro — Sr. general !

General — (*para o barão*) Saia, senhor, saia....

Alvaro — Sr. general... acalme-se... elle vae sair... mas vae comigo, porque é minha obrigação acompanhar meu pae !

Helena — Alvaro !

Alvaro — Helena !

Lucia — Meu filho ! (*Helena, Alvaro, Lucia e Thereza formam grupo*).

Matheus — Sr. Villa-Verde, chegou o momento de ajustarmos as nossas contas ; das duas uma, escolha : ou a familia ou a cadeia.

Barão — Cadeia !...

Alvaro — Helena, minha querida Helena, somente o amor de minha mãe (*abraçando Lucia*) de hoje em diante será o balsamo de meus soffrimentos !... Sê tu feliz, Helena, adeus ; esquece o insensato que teve a louca ambição de sonhar a felicidade ! Sr. general, meu

segundo pae; Thereza, minha segunda mãe, adeus!

General—*(abraçando-o)* Alvaro, meu filho!

Alvaro — Adeus! Esqueçam-se daquelle que leva a morte no coração e que si resistir a tanto martyrio, será pelo amor desta infeliz *(caindo nos braços de Lucia)*, pelo teu amor, minha mãe!

Lucia — Meu filho! meu pobre filho! . . . .

Barão -- *(delirando)* Duas horas mais. . . .

Helena — E deixa elle partir, meu pae?

General — Alvaro cumpre seu dever, minha filha.

Helena — *(para Thereza)* Thereza, que será de mim? . . .

Alvaro — *(para o barão)* Vamos, meu pae, vamos.

Barão — *(dá alguns passos; fita o general e solta uma gargalhada alvar e estridente)* Aquella mulher. . não me fale nessa creança. . batem á porta. . são pequenas. . são. . valem alguma coisa. . e quem me pode impedir de apossar-me daquella fortuna? . . A honra. . a consciencia. . não. . não. . tu vaes para o hospital. . Lucia. . eu cuidarei de teu filho. . fica tranquilla . . . descansa. . agora. . ou a riqueza. . ou o inferno! . . *(solta outra gargalhada estridente)*.

Alvaro — Sr. general, meu pae delira! Um medico! . . *(aproxima-se um dos convidados)*.

Convidado — *(examinando o barão)* Está perdido, está louco!

Todos — *(a um tempo)* Louco! . . .

Barão — Distribuir os assaltantes. . . aguardem todos o momento combinado. . . esconder-me na curva do caminho. . . foi obra de um segundo. . . eil-os que approximam-se. . . a minha gente. . . corta-lhes a retirada. . . dá o assalto. . .

ameaça-os. . . o momento é desesperador. . . toda defesa inutil . . . surjo, então, de repente. . . de revolver em punho. . . desfecho quatro tiros. . . para o espaço. . . os assaltantes fogem. . . em debandada. . . Alvaro e Helena salvos. . . devem-me a vida. . . e o general a sua gratidão. . . *(da' outra gargalhada)* Estupidos! . . . attribuem á Providencia, o que é feito pela mão do homem! . . .

General — Ouviste, minha filha? Ah! como elle nos illudiu, como nos enganou! . . .

Lucia — As faltas toram grandes; mas o castigo é tremendo! . . .

Alvaro — Meu pae, meu pobre pae! Perdão, sr. general, perdão para este infeliz, em nome de nossa amizade! *(barão solta outra gargalhada)*.

General — Alvaro, a desgraça de teu pae veio justificar a nobreza de teus sentimentos! Dá-me tua mão *(colloca a mão de Alvaro sobre a de Helena)* Tu serás meu filho de hoje em diante.

Alvaro — E meu pae, sr. general?

General — Meu coração já o perdoou; mas este perdão não foi bastante. O seu remorso foi tão grande, tão cruel, que elle caiu fulminado pelo grito da consciencia! . . .

*(Cae o panno)*

FIM DO DRAMA



